

P.C. CAST + KRISTIN CAST



# perseguida

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

*Tradução de Susana Serrão*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Dedicamos este livro a John Maslin – ex-aluno,  
auxiliar de pesquisa e extraordinário na troca de ideias.  
Um excelente tipo que se parece deveras com o nosso  
Damien... hum...*



## AGRADECIMENTOS

A Casa da Noite é um trabalho de equipa, e não só por Kristin e eu sermos o duo dinâmico! A série tem o apoio de um espantoso grupo de pessoas na St. Martin's Press; a criatividade delas só perde para a sua generosidade. Acreditem no quanto eu e a Kristin estamos reconhecidas a todos: Jennifer Weis, Anne Benson, Matthew Shear, Anne Marie Tallberg, Brittany Kleinfelter, Katy Hershberger, e a maravilhosa equipa responsável pelo design das capas dos livros, Michael Storrings e Elsie Lyons. Adoramos a SMP!

Como sempre, estamos em dívida para com a nossa agente e amiga, Meredith Bernstein.

Gostaríamos de agradecer aos muitos fãs que tanto têm apoiado esta série e que fazem das ocasiões de divulgação minhas e da Kristin momentos tão divertidos. Agradecimento especial para as aulas de primeiro ano na Will Rogers High School, em Tulsa, Oklahoma, que adotaram *Marcada* nas suas aulas de Inglês, e que fizeram da nossa visita à escola uma ocasião tão especial!

Já que falamos de boas escolas, temos de agradecer a um grupo de fãs de longa data – os professores do sistema escolar Jenks, Oklahoma. Nós cá adoramos os professores da Jenks (encontramo-nos na próxima sessão de autógrafos!).



perseguida



## PRIMEIRO CAPÍTULO

O sonho começou com o ruído de asas. Em retrospectiva, apercebo-me de que deveria ter percebido ser mau sinal, andando os Zomba-Corvos à solta e tudo mas, no meu sonho, era só um ruído de fundo, como uma ventoinha a trabalhar ou a televisão ligada nas Televentas.

No meu sonho, eu estava no meio de um prado muito bonito. Era de noite, mas havia uma Lua enorme a pairar sobre as árvores que emolduravam o prado. A Lua derramava uma viva luz prateada que destacava as sombras e fazia com que tudo parecesse debaixo de água, uma impressão reforçada pela brisa suave que soprava nas ervas macias, as quais me roçavam nas pernas nuas em remoinhos como ondas a baterem suavemente na praia. Esse mesmo vento levantava o meu cabelo preto e espesso dos ombros desnudados e parecia seda a adejar na minha pele.

Pernas nuas? Ombros desnudados?

Olhei para baixo e soltei um gritinho de surpresa. Envergava um minivestido de pele seriamente curto. A parte de cima tinha um decote em V pronunciado, frente e costas, e assim descaía-me nos ombros e revelava a minha pele. O vestido era espantoso. Branco e decorado com franjas, plumas e conchas, até parecia brilhar ao luar. Ainda por cima, tinha motivos elaborados com contas, impossivelmente bonitos.

A minha imaginação é tão fixe!

O vestido espicçou-me a memória, mas não liguei. Não queria pensar muito – estava a sonhar! Em vez de ponderar em momentos de *déjà*

*vu*, dancei graciosamente prado fora, a pensar se o Zac Efron, ou até o Johnny Depp, iria subitamente aparecer e namoriscar descaradamente comigo.

Fui olhando em redor enquanto dançava e ondulava ao vento, e achei ter visto as sombras mexerem-se por entre as árvores enormes. Parei e tentei esforçar a vista para ver melhor o que se passava na escuridão. Conhecendo-me e aos meus sonhos esquisitos, devia ter imaginado garrafas de cola penduradas nos ramos das árvores como frutas bizarras, mesmo à espera que eu as fosse apanhar.

Foi quando ele apareceu.

Na beira do prado, mesmo dentro da sombra das árvores, materializou-se um vulto. Vi o corpo dele porque o luar incidiu nos contornos macios e desnudados da sua pele.

Desnudados?

Parei. Teria a minha imaginação dado em doida? Não estava nada disposta a rebolar num prado com um tipo nu, mesmo que ele fosse o espantosamente misterioso Sr. Johnny Depp.

— *Hesitas, amada minha?*

Ao som da voz dele, senti um arrepio no corpo todo, e ouvi uma gargalhada terrível e zombeteira por entre as folhas das árvores.

— Quem és tu? — Fiquei aliviada, a minha voz no sonho não traía o medo que eu sentia.

O riso era profundo e bonito como a voz dele, e igualmente assustador. Fez eco nos ramos das árvores vigilantes, até flutuar quase visível no ar que me rodeava.

— *Finges não me conhecer?*

A voz dele roçou no meu corpo e pôs-me os pelinhos dos braços em pé.

— Eu conheço-te. Inventei-te. Este sonho é meu. És uma mistura do Zac e do Johnny. — Hesitei, a tentar lobrigá-lo. Falei com ar desprendido, embora o meu coração batesse como louco, pois já era óbvio que o tipo não era nada uma mistura dos dois atores.

— Bem, talvez sejas o Super-homem ou o Príncipe Encantado — disse eu, a tentar agarrar-me a qualquer coisa, menos à verdade.

— *Não sou produto da tua imaginação. Tu conheces-me. A tua alma conhece-me.*

Eu não mexera os pés, mas o meu corpo estava lentamente a ser atraído para ele, como se a voz dele me puxasse. Mais próxima dele, olhei para cima, e mais para cima...

Era Kalona. Eu reconhecera-o desde as primeiras palavras que ele

proferira. Só não queria admiti-lo para mim mesma. Como podia ter sonhado com ele?

Pesadelo – tinha de ser um pesadelo, e não um sonho.

Ele estava nu, mas não era completamente corpóreo. O vulto ondulava e mexia-se ao ritmo da brisa que nos acariciava. Por detrás dele, nas sombras verdes-escuras das árvores, vi os vultos fantasmagóricos dos seus filhos, os Zomba-Corvos, agarrados aos ramos das árvores com mãos e pés de homem, a contemplarem-me com olhos humanos em cabeças de pássaros mutantes.

— *Ainda alegas não me conhecer?*

Os olhos dele eram escuros – um céu sem estrelas. Pareciam o que de mais corpóreo havia nele. Isso e aquela voz líquida. *Embora isto seja um pesadelo, ainda é o meu pesadelo. Posso acordar! Quero acordar! Quero acordar!*

Mas não acordei. Não conseguia. Não era eu a controlar. Era Kalona. Ele criara aquele sonho, aquele prado escuro de pesadelo, e atraíra-me ali de algum modo, fechando a porta à realidade atrás de nós.

— O que queres? — Disse as palavras depressa para ele não me ouvir a tremura na voz.

— *Tu sabes o que eu quero, amada minha. Quero-te a ti.*

— *Não sou a tua amada.*

— *Claro que és.* — Desta vez mexeu-se, e ficou tão perto de mim que eu sentia o frio a emanar daquela figura incorpórea.

— *A minha A-ya.*

A-ya era o nome da donzela que as Mulheres Sábias Cherokee haviam criado para o apanharem séculos antes. O pânico assolou-me.

— Não sou A-ya!

— *Tu controlas os elementos.* — A voz dele era uma carícia, horrrosa e maravilhosa, cativante e aterrorizante.

— Dons da minha Deusa — disse eu.

— *Outrora controlaste os elementos também. Eras feita deles. Moldada para me amares.* — As suas asas negras enormes mexeram-se e abriram-se. Bateram para a frente devagar, e envolveram-me num abraço espectral tão frio quanto o gelo.

— Não! Deves ter-me confundido com alguém. Não sou A-ya.

— *Enganas-te, amada minha. Sinto-a dentro de ti.*

As asas dele apertaram-se em meu redor, levaram-me para mais perto dele. Embora a sua forma física ainda fosse incorpórea, eu sentia-o. As asas eram macias. Invernosas contra o calor do meu eu sonhador. O contorno do corpo dele era uma bruma gélida. Queimava-me a pele, per-

corria-me o corpo em correntes eletrizantes, aquecia-me com um desejo que eu não queria sentir mas a que não conseguia resistir.

O riso dele era sedutor. Quis perder-me nele. Inclinei-me para a frente, fechei os olhos e ofeguei audivelmente quando a frialdade do espírito dele me roçou nos seios, enchendo-me de sensações dolorosas mas deliciosamente eróticas, em partes do meu corpo que me faziam sentir a perder o controle.

— *Tu gostas da dor. Dá-te prazer.* — As asas dele ficaram mais insistentes, o corpo dele mais duro e frio e ainda mais apaixonadamente doloroso quando o apertou contra o meu.

— *Entrega-te a mim.* — A voz dele, já de si belíssima, ficou incrivelmente sedutora com a excitação dele.

— *Passei séculos nos teus braços. Desta vez, a nossa união será controlada por mim, e tu irás deleitar-te com o prazer que te posso dar. Solta as amarras da tua Deusa distante e vem a mim. Sê a minha amada, verdadeiramente, de corpo e alma, e dar-te-ei o mundo!*

O significado das palavras dele penetrou na névoa de dor e prazer como a luz do Sol a derreter o orvalho. Encontrei a minha força de vontade outra vez, e saí cambaleante do amplexo das asas dele. Tinha gavinhas de fumo preto gelado a serpentearem pelo meu corpo, a agarrarem-me... A tocarem-me... A acariciarem-me...

Sacudi-me como uma gata zangada que se sacode da chuva, e as espirais negras caíram-me do corpo.

— Não! Não sou a tua amada. Não sou A-ya. E nunca virarei costas a Nyx!

Quando disse o nome de Nyx, o pesadelo acabou.

Estava sentada na cama, trémula e ofegante. Stevie Rae dormia profundamente a meu lado, mas *Nala* estava bem acordada, e rosnava baixinho. Tinha o corpinho todo arqueado, completamente eriçado, e mirava de olhos semicerrados o ar por cima de mim.

— Raios me partam! — Guinchei e saltei da cama para fora, a rodopiar e a olhar para cima, à espera de ver Kalona a pairar como um morcego gigante por cima de nós.

Nada. Não havia ali nada.

Agarrei *Nala* e sentei-me na cama. Com mãos trémulas, fiz-lhe festinhas, sem parar.

— Foi só um sonho mau... Foi só um sonho mau... Foi só um sonho mau — dizia eu, mas sabia ser mentira.

Kalona era real e, de algum modo, conseguira chegar a mim em sonhos.

perseguida



## SEGUNDO CAPÍTULO

*P*ronto, Kalona consegue entrar nos teus sonhos, mas agora estás acordada, portanto, recompõe-te! Disse de mim para comigo, severamente, enquanto fazia festinhas a Nala e deixava que o ronronar da minha gata me acalmasse. Stevie Rae mexeu-se a dormir e murmurou qualquer coisa que eu não ouvi bem. Depois, ainda a dormir, sorriu e suspirou. Olhei para ela, contente por ver que parecia ter melhor sorte com os seus sonhos.

Com cuidado, puxei o cobertor onde ela se aninhara e soltei um suspiro de alívio, por não ver sangue a ensopar a ligadura que tapava a ferida terrível deixada pela seta que a trespassara.

Tornou a mexer-se. Desta vez as pálpebras de Stevie Rae tremeram e os olhos abriram-se. Por segundos, parecia confusa, mas depois fez-me um sorriso sonolento.

— Como te sentes? — Perguntei.

— Estou bem — respondeu ela, meio dormente. — Não te aflijas tanto.

— É um bocadinho difícil não me afligir com a minha melhor amiga sempre a morrer — disse eu, e sorri-lhe também.

— Desta vez não morri. Só quase morri.

— Os meus nervos estão a dizer-me que te diga que não há grande diferença nesse «quase».

— Manda os teus nervos estarem sossegados e vai dormir — disse Stevie Rae; fechou os olhos e puxou o cobertor.

— Eu estou bem — repetiu. — Nós vamos todos ficar bem. — Depois a respiração acalmou e juro que, num abrir e fechar de olhos, ela voltara a adormecer.

Abafei um grande suspiro e voltei para a cama, a tentar ficar mais confortável. *Nala* enrolou-se entre mim e Stevie Rae, e lançou-me um *miauf!* de protesto, que eu sabia serem ordens para eu me descontraír e adormecer.

Adormecer? E possivelmente sonhar outra vez? Hum. Não. Não era provável.

Em contrapartida, fiquei atenta à respiração de Stevie Rae e continuei, absorta, a fazer festinhas a *Nala*. Era tão esquisito, caracas, a normalidade que parecia reinar naquela pequena bolha de paz criada por nós. Ao ver Stevie Rae a dormir, quase me pareceu impossível crer que, poucas horas antes, ela tivera uma seta espetada no peito e nós tivéramos de fugir da Casa da Noite, enquanto o caos fazia o nosso mundo desabar. Sem vontade de me deixar adormecer, tinha a cabeça cheia de pensamentos exaustos, a reproduzirem os acontecimentos da noite. Enquanto os analisava, fiquei novamente espantada por qualquer um de nós ter sobrevivido...

Recordei-me de que Stevie Rae tinha, inacreditavelmente, pedido lápis e papel porque achava ser boa altura para fazer uma lista de coisas que precisávamos de levar para os túneis, para podermos ter mantimentos e sei lá que mais, se tivéssemos de ficar escondidos algum tempo.

Ela pedira-me aquilo, numa voz completamente calma, ali sentada à minha frente com uma seta a sair-lhe do peito. Lembro-me de olhar para ela, completamente maldisposta, e depois afastar o olhar e retorquir:

— Stevie Rae, não me parece boa altura para fazer listas.

— Ai! Fosga-se, que isso dói mais do que pisar um cardo com um pé descalço. — Stevie Rae sorvera ar e encolhera-se, mas mesmo assim conseguiu sorrir por cima do ombro para Dário, o qual lhe rasgara a parte de trás da camisa para ver a seta que lhe saía do meio das costas.

— Desculpa, não quero dizer que a culpa seja tua por me doer. Como disseste que te chamavas?

— Chamo-me Dário, Sacerdotisa.

— É guerreiro dos Filhos de Erebus — acrescentara Afrodite, e brindara-o com um sorriso surpreendentemente doce. Descrevo-o como sendo surpreendentemente doce porque a Afrodite costuma ser egoísta, mimada, mazinha, e difícil de aturar no geral, embora eu comece a gostar dela. Por outras palavras, ela decididamente não é nada doce, mas cada vez era mais evidente que ela sentia mesmo qualquer coisa por Dário, e daí a doçura invulgar.

— Com franqueza. É evidente a guerreirice dele. Parece uma montanha — dissera Shaunee, e lançara a Dário um olhar cobiçoso.

— Uma montanha muito giraça — corroborara Erin, e mandara beijinhos a Dário.

— Ele já tem dona, Gémeas Taradas, vão brincar uma com a outra — exclamara Afrodite automaticamente, mas a mim parecera que ela não as quisera realmente insultar. Aliás, agora que pensava nisso, ela quase parecia simpática.

Ah, a propósito, Erin e Shaunee são gémeas na alma, e não gémeas biológicas, sendo Erin uma loura de olhos azuis do Oklahoma e Shaunee uma miúda cor de caramelo da Costa Leste e de ascendência jamaicana. Porém, a genética não interferiu em nada – bem podiam ter sido separadas à nascença e depois atraídas uma para a outra por um radar para gémeas.

— Ah, pois. Obrigadinha por nos lembrares de que os nossos namorados não estão aqui — disse Shaunee.

— Porque devem estar a ser devorados por aberrações metade homem, metade pássaro — disse Erin.

— Vá lá, animem-se. A avó da Zoey não disse que os Zomba-Corvos comem mesmo pessoas. Ela disse que só lhes pegam com aqueles bicos enormes e as atiram contra uma parede ou coisa assim, uma e outra vez, até lhes partirem todos os ossinhos do corpo — disse Afrodite para as Gémeas com um sorrisinho pleno de ligeireza.

— Hum, Afrodite, não me parece que isso ajude — disse eu. Embora ela tivesse razão. Aliás, por mais pavoroso que pareça, ela e as Gémeas podiam muito bem ter razão. Não quis pensar muito nisso, e voltei a dar atenção à minha melhor amiga ferida. Estava com um ar absolutamente horrível – pálida, suada e coberta de sangue.

— Stevie Rae, não achas que era melhor levarmos-te para o...

— Encontrei! Encontrei! — Nesse momento, Jack irrompeu na curva do túnel que fora transformada em quarto para a Stevie Rae, logo seguido da cadela Labrador cor de mel que raramente largava o miúdo. Vinha corado e empunhava uma coisa branca com ar de pasta que tinha uma cruz vermelha na capa.

— Estava mesmo onde disseste, Stevie Rae. Naquele sítio do túnel armado em cozinha.

— E assim que eu recobrar o fôlego, conto-vos do quanto fiquei contente quando descobri frigoríficos e micro-ondas a funcionarem — declarou Damien, que entrara no quarto atrás de Jack, a ofegar e agarrado à barriga com ar dramático.

— Terás de me explicar como conseguiram trazer aquilo tudo cá para baixo, incluindo a eletricidade para pôr tudo a trabalhar. — Damien calou-se, viu a camisa ensanguentada e rasgada de Stevie Rae, e a seta que ainda lhe saía das costas, e as suas bochechas rosadas ficaram muito brancas.

— Terás de explicar depois de estares tratada e deixares de estar *en brochette*.

— En - hã? — Fez Shaunee.

— Bro - quê? — Corroborou Erin.

— É um termo francês para qualquer coisa no espeto, geralmente comida, suas cretinas. «O mundo a enlouquecer e o mal a soltar os pássaros de guerra». — Olhou de sobranceiras erguidas para as Gémeas, enquanto citava Shakespeare adaptado à situação, obviamente à espera que elas reconhecessem a citação, coisa que elas obviamente não reconheceram. — Não é desculpa para nos descuidarmos com o vocabulário. — Depois virou-se para Dário.

— Ah, e encontrei isto numa pilha de ferramentas nada higiénicas.

— E mostrou uma coisa que parecia uma tesoura gigantesca.

— Traz o alicate de ferro e a mala dos primeiros socorros para aqui — pediu Dário numa voz toda profissional.

— O que vais fazer com o alicate de ferro? — Perguntou Jack.

— Vou cortar a haste da seta para podermos puxar o resto de dentro do corpo da Sacerdotisa. Depois ela pode começar a sarar — respondeu Dário, com simplicidade.

Jack ofegou e encostou-se a Damien, que pôs um braço à roda dele. *Duquesa*, a cadela Labrador cor de mel que se agarrara completamente a Jack desde que o seu primeiro dono, um iniciado chamado James Stark, morrera e depois desmorrera e atingira Stevie Rae com uma seta, tudo por causa de um plano maléfico para libertar Kalona, um anjo caído malvado (sim, olhando em retrospectiva, vejo que é complicado e até confuso, mas parece ser coisa típica dos planos maléficos), ganiu e encostou-se à perna dele.

Ah, Jack e Damien são um casal. Ou seja, são adolescentes homossexuais. Pronto. Acontece. Mais do que se espera. Esperem, risquem isso. Acontece mais do que os *pais* esperam.

— Damien, se calhar tu e o Jack podiam, hum, voltar à tal cozinha que descobriram e ver se conseguem arranjar-nos qualquer coisa para comer — disse eu, a tentar pensar em coisas para eles fazerem, sem ser olharem embasbacados para Stevie Rae.

— Aposto que todos nos sentiremos melhor se comermos alguma coisa.

— Eu devo vomitar — disse Stevie Rae. — Quer dizer, se não for sangue. — Tentou encolher os ombros em ar de desculpa, mas interrompeu-se a meio com uma exclamação de dor, e ficou ainda mais branca do que a palidez completa em que já estava.

— Pois, também não temos assim muita fome aqui — disse Shau-nee, aparvalhada a olhar para a seta que saía das costas de Stevie Rae, com o mesmo tipo de fascínio que faz as pessoas abrandarem ao verem desastres na estrada.

— Idem, Gémea — disse Erin. Olhava para todo o lado menos para Stevie Rae.

Eu ia abrir a boca para lhes dizer que não me ralava nada que tivessem fome ou não, que só as queria ocupadas e longe de Stevie Rae algum tempo, quando Erik Night irrompeu pelo quarto adentro.

— Encontrei! — Exclamou. Trazia um combinado de rádio, leitor de CD e de cassetes, *muito* antigo e enorme. Uma daquelas coisas a que chamavam tijolos, naquele tempo. Nos anos 80. Sem olhar para Stevie Rae, pousou-o em cima da mesa que estava perto dela e de Dário e começou a mexer nos botões enormes e ofuscantes de tão prateados, a murmurar que esperava apanhar alguma coisa ali em baixo.

— Onde está a Vénus? — Perguntou Stevie Rae a Erik. Era evidente que lhe custava falar, e a voz saía-lhe muito trémula.

Erik voltou a olhar para a entrada do quarto, tapada com um cobertor a fazer de porta, onde não se via ninguém.

— Ela vinha logo atrás de mim. Achei que ela tinha entrado e... — Depois olhou mesmo para Stevie Rae, e as palavras esmoreceram.

— Ah, caraças, isso deve doer mesmo — disse ele baixinho. — Estás com mau ar, Stevie Rae.

Ela tentou, e não conseguiu, sorrir-lhe.

— Bem, já me senti melhor. Ainda bem que a Vénus te ajudou com o tijolo. Às vezes conseguimos mesmo apanhar algumas estações de rádio aqui em baixo.

— Pois, foi o que a Vénus disse — retorquiu Erik, com ar vago. Olhava para a seta que saía das costas nuas de Stevie Rae.

Mesmo no meio da minha aflição com Stevie Rae, eu começara a pensar em Vénus, e tentara como o raio lembrar-me do aspeto dela. Da última vez que pudera ver bem os iniciados vermelhos, eles ainda não eram «vermelhos», ou seja, o contorno da meia-lua que tinham na testa ainda era cor de safira, como todas as tatuagens de iniciados Marcados. Porém, esses iniciados tinham morrido. E depois tinham desmorrido. E tinham ficado todos monstros amalucados e sugadores de sangue, até

Stevie Rae passar por uma espécie de Mudança. De algum modo, a humanidade de Afrodite (quem diria que ela tinha alguma?) misturara-se com o poder dos cinco elementos – eu consigo controlá-los a todos – e *voilà!* Stevie Rae recuperara a sua humanidade, e ganhara umas tatuagens espampanantes de vampyra adulta que pareciam folhas de videira e flores a emoldurarem-lhe o rosto. Ora, em vez de a tatuagem ser azul-escura, ficara vermelha. Da cor do sangue novo. Quando isso acontecera a Stevie Rae, todas as tatuagens dos iniciados mortos desmorridos tinham ficado vermelhas também. E eles tinham recuperado a sua humanidade. Teoricamente. Eu realmente não passara assim tanto tempo com eles, ou com Stevie Rae, desde a Mudança dela, para saber de certeza que tudo estava a cem por cento com todos eles. Ah, e Afrodite perdera a sua Marca – completamente. Por conseguinte, ela é, presume-se, outra vez humana, embora ainda tenha visões.

Tudo isto explica por que razão, da última vez que eu vira Vénus, ela tinha mais do que muito mau aspeto, dado estar horrorosamente morta-viva. Contudo, agora ficara bem – mais ou menos – e eu sabia que ela se dera com Afrodite antes de morrer (e desmorrer), ou seja, devia ser completamente espampanante, porque Afrodite não acreditava em amizades feias.

Pronto, antes de eu vos parecer uma anormal superciumenta, deixem-me explicar: Erik Night é um grosso perdido de morrer ao estilo Super-homem Clark Kent e, para continuar com a analogia dos super-heróis, tem imenso talento e é genuinamente bom rapaz. Hum, vampyro. Vampyro acabado de Mudar. E também é meu namorado. Hum, ex-namorado. Namorado acabado de acabar. Infelizmente, significa isto que vou ter uns ciúmes ridículos de qualquer pessoa, mesmo de uma das iniciadas vermelhas aberrantes, que possa ser alvo de grande interesse dele (grande = mínimo).

A voz profissional de Dário interrompera, felizmente, a minha tagarelise interior.

— O rádio pode esperar. Neste momento, tem que se tratar da Stevie Rae. Ela precisa de uma camisa limpa e de sangue, assim que eu terminar isto. — Dário pôs a mala dos primeiros socorros na mesa-de-cabeceira de Stevie Rae, abriu-a e afadigou-se a tirar gaze e álcool e coisas com aspeto medonho.

Coisa que calara mesmo toda a gente.

— Minha gente, sabem que gosto mais de vocês do que de chocolate, não sabem? — Perguntou Stevie Rae, e fez-nos um sorriso corajoso. Os meus amigos e eu assentimos com ar sério.

## perseguida

— Pronto, não levem a mal que eu diga que têm todos de arranjar qualquer coisa para fazer, menos a Zoey, enquanto o Dário me arranca esta seta do peito.

— Todos menos eu? Não, não, não, não. Porque queres que eu fique? Vi humor nos olhos sofridos de Stevie Rae.

— Porque és a nossa Sumo-Sacerdotisa, Z. Tens de ficar e ajudar o Dário. Aliás, já me viste morrer uma vez; isto não pode ser muito pior do que isso, não é? — Depois calou-se e arregalou os olhos, a mirar as palmas das minhas mãos ainda estupidamente erguidas, e balbuciou:

— Gaita, Z, olha só para as tuas mãos!

Virei as mãos para ver de que raio estava ela a falar, e senti-me a arregalar os olhos também. Havia tatuagens nas palmas das minhas mãos, o mesmo padrão belíssimo e complexo de rendilhados que me decorava o rosto e o pescoço, e que se estendia de um lado das minhas costas até à cintura. *Como poderia ter-me esquecido?* Sentira a sensação de ardor já sobejamente conhecida nas palmas das mãos, quando tínhamos conseguido fugir para a segurança dos túneis. Na altura, apercebera-me do que significava aquele ardor. A minha Deusa, Nyx, a personificação da Noite, Marcara-me novamente como exclusivamente sua. Destacara-me, mais uma vez, de todos os outros iniciados e vampyros no mundo inteiro. Não havia mais nenhum iniciado com uma Marca preenchida e expandida. Tal só acontecia depois de passar pela Mudança, quando o contorno de meia-lua na testa de alguém se enchia de cor e expandia numa tatuagem única a emoldurar o rosto, a proclamar ao mundo a natureza do vampyro ou da vampyra.

Por conseguinte, o meu rosto proclamava que eu era vampyra, mas o meu corpo dizia que eu ainda era iniciada. E o resto das tatuagens? Bem, era coisa que nunca antes acontecera a ninguém – nem iniciado, nem vampe, e eu ainda não sabia ao certo o que tal poderia significar.

— Ena, Z, são espantosas. — A voz de Damien surgiu a meu lado. Algo hesitante, tocou-me na palma da mão.

Deixei de olhar para as minhas mãos e fitei aqueles olhos castanhos amigos, em busca da mais ínfima mudança na maneira como ele pensava em mim. Procurei sinais de adoração ou nervoso miudinho ou, ainda pior, medo. E vi apenas o Damien – o meu amigo – e o calor do seu sorriso.

— Senti acontecer naquela altura, quando chegámos aos túneis. Acho que me tinha esquecido — disse eu.

— Típico da nossa Z — disse Jack. — Só ela para se esquecer de uma coisa que é praticamente um milagre.

— Mais do que praticamente — disse Shaunee.

— Mas é um milagre da Zoey. Acontecem a bem dizer o tempo todo — disse Erin, muito terra-a-terra.

— Eu não consigo reter uma tatuagem, e ela está coberta delas — disse Afrodite. — É bem feito. — Mas o sorriso dela negava o azedume das palavras.

— São a Marca de favorecimento da nossa Deusa, e mostram que tu estás, deveras, no caminho que ela escolheu para ti. Tu és a nossa Sumo-Sacerdotisa — afirmou Dário, solenemente. — A Escolhida de Nyx. E, Sacerdotisa, preciso da tua ajuda com a Stevie Rae.

— Raios me partam — murmurei, a morder nervosamente o lábio e a cerrar as mãos em punhos, escondendo assim as novas tatuagens exóticas.

— Oh, pelo amor da santa! Eu fico a ajudar. — Afrodite marchou para onde Stevie Rae estava sentada à beira da cama.

— Sangue e dor não me incomodam, desde que não sejam meus.

— Eu devia levar isto para mais perto da entrada dos túneis. Devo ter mais sorte com as frequências lá — disse Erik e, sem sequer olhar para mim, nem uma palavra sobre as minhas novas tatuagens, desapareceu por baixo do cobertor da porta.

— Sabes, acho que arranjar comida é realmente boa ideia — alvitrou Damien, pegou na mão de Jack e preparou-se para sair do quarto, como Erik.

— Pois, o Damien e eu somos gays. É garantido que somos bons cozinheiros — disse Jack.

— Estamos com eles — disse Shaunee.

— Pois, não estamos convencidas quanto à genética da boa cozinha gay. É melhor irmos supervisionar — disse Erin.

— O sangue. Não se esqueçam do sangue. Temperado com vinho, se o tiverem. Ela vai precisar dele para recuperar — lembrou Dário.

— Um dos frigoríficos está cheio de sangue. Depois procurem a Vénus — disse Stevie Rae, e fez mais uma careta quando Dário pegou numa compressa molhada em álcool e começou a limpar-lhe o sangue seco das costas, a pele em redor da seta protuberante.

— Ela gosta de vinho. Digam-lhe o que precisam que ela arranja.

As Gémeas hesitaram, e entreolharam-se. Erin falou pelas duas.

— Stevie Rae, os miúdos vermelhos estão mesmo bem? Quer dizer, foram *estes* miúdos que mataram os jogadores de futebol do Union e raptaram o namorado humano da Z, não foram?

— Ex-namorado — disse eu, mas não me ligaram nenhuma.

— A Vénus acabou de ajudar o Erik — disse Stevie Rae. — E a Afrodite ficou cá dois dias. Ainda está inteira.

— Pois, o Erik é um vampe grande e saudável. Deve ser difícil de morder — disse Shaunee.

— Embora deva ser uma delícia — disse Erin.

— Verdade, Gémea. — Ambas encolheram os ombros, a olharem para mim como quem pede desculpa, antes de Shaunee prosseguir. — E a Afrodite é tão má que ninguém a quereria morder.

— Mas nós somos bocadinhos de baunilha e chocolate. Até o monstro sugador de sangue mais simpático se sentiria tentado — disse Erin.

— A tua mãe é que é um monstro sugador de sangue — disse Afrodite, com um sorriso doce.

— Minha gente, se não pararem de brigar, quem vos morde sou eu! — Exclamou Stevie Rae, mas depois fez uma careta de dor e começou a respirar com dificuldade.

— Malta, estão a fazer com que ela se aleije e estão-me a fazer doer a cabeça. — Falei depressa, cada vez mais ralada com o mau aspeto de Stevie Rae, o qual só piorava a cada minuto. — A Stevie Rae diz que os iniciados vermelhos estão bem. Acabámos de fugir ao inferno na terra da Casa da Noite com eles, e não nos tentaram morder pelo caminho. Portanto portem-se bem, e encontrem a Vénus, como a Stevie Rae disse.

— Z, isso não abona assim tanto a favor deles — atalhou Damien. — Fugimos porque corríamos perigo de morte. Ninguém teve tempo de morder ninguém.

— Stevie Rae, de uma vez por todas: os iniciados vermelhos estão controlados? — Perguntei.

— Quem me dera que a minha gente se concentrasse em ser mais simpática e os aceitasse. Sabem que a culpa não é deles por terem morrido e desmorrido.

— Veem, eles estão ótimos — disse eu. Só mais tarde me ocorreria que Stevie Rae nunca respondera mesmo à minha pergunta, se os iniciados vermelhos estariam mesmo controlados.

— Muito bem, mas a Stevie Rae fica responsável — disse Shaunee.

— Pois, se um deles nos tentar mordiscar, teremos uma conversinha com ela, quando ela estiver melhor — disse Erin.

— Sangue e vinho. Agora. Menos conversa. Mais ação — exigiu Dário, frontalmente.

Apressaram-se todos a sair do quarto, deixando-me com Dário, Afrodite, e a minha melhor amiga, no seu estado *en brochette*.

Raios me partam.



TERCEIRO CAPÍTULO

**A** sério, Dário. Não podemos fazer isto de outra maneira qualquer? Outra maneira mais hospitalar. Num hospital. Com médicos e salas de espera para amigas esperarem enquanto a... a... — Fiz um gesto meio assustado para a seta que saía do corpo de Stevie Rae.

— Enquanto a *coisa* é arranjada.

— Pode haver uma maneira melhor, mas não nestas condições. Aqui em baixo tenho recursos limitados e, se quiseres refletir nisso um pouco, Sacerdotisa, não me parece que a tua ideia seja algum de nós ir acima da terra, a um dos hospitais da cidade, esta noite — afirmou Dário.

Mordi o lábio em silêncio, a pensar que ele tinha razão, mas ainda a tentar arranjar uma alternativa menos horripilante.

— Não. Não vou voltar lá acima. Não só Kalona se encontra em liberdade, mais os seus bebês pássaros absolutamente nojentos, como também não posso ir a terra com o Sol no céu, e já sinto que o nascer do Sol não tarda. Não me parece que conseguisse sobreviver, assim ferida desta maneira. Z, vais ter de ser tu a fazê-lo — disse Stevie Rae.

— Queres que eu empurre a seta enquanto a seguras bem? — Perguntou Afrodite.

— Não, ficar a ver deve ser pior do que ajudar — respondi.

— Farei o meu melhor para não gritar muito alto — disse Stevie Rae.

Falara a sério, o que me fez sentir o coração apertado, tal como sinto agora que recorro tudo.

— Oh, fofinha! Grita o quanto quiseres. Raios, eu até grito contigo.

— Olhei para Dário. — Quando quiseres, estou pronta.

perseguida

— Vou cortar a ponta da seta que tem as penas, do lado do peito dela. Depois disso, tu pegas nisto... — passou-me uma compressa ensopada em álcool — ...e fazes pressão na haste cortada. Quando eu tiver a parte da frente da seta bem agarrada, digo-te para empurrares. Empurra com força enquanto eu puxo. Deve sair com relativa facilidade.

— Mas pode doer um bocadinho? — Perguntou Stevie Rae, com a voz fraca.

— Sacerdotisa — Dário pôs a sua mão enorme no ombro dela —, isto vai doer mais do que um bocadinho.

— Por isso é que eu estou aqui — disse Afrodite. — Vou segurar-te para não te debateres com as dores e estragares o esquema ao Dário. — Hesitou, mas depois acrescentou:

— Mas fica sabendo que, se ficares toda maluca com as dores e me morderes *outra vez*, te dou uma carga de porrada.

— Afrodite. Eu não te vou morder. Outra vez — disse Stevie Rae.

— Vamos lá despachar isto — disse eu.

Antes de Dário rasgar o que restava da camisa de Stevie Rae, disse-lhe:

— Sacerdotisa, tens de ficar de peito nu.

— Pois, eu estava a pensar nisso enquanto tu me tratavas das costas. Tu és assim como um médico, não és?

— Todos os Filhos de Erebus recebem formação em Medicina para poderem tratar dos irmãos feridos. — A expressão severa de Dário suavizou-se e ele sorriu para Stevie Rae. — Portanto, sim, podes pensar em mim como médico.

— Então não me importo que me vejas as maminhas. Os médicos são treinados para não ligarem a essas coisas.

— Esperemos que o treino dele tenha sido *bem* rigoroso — resmungou Afrodite.

Dário piscou-lhe o olho. Eu fingi que ia vomitar, o que fez Stevie Rae rir-se, e encolher-se com a dor que o movimento lhe causara. Tentou sorrir para mim, mas estava pálida de mais e trémula de mais para conseguir.

Foi nessa altura que comecei mesmo a ficar preocupada. Na Casa da Noite, o morto-vivo Stark seguiu as ordens da insuportável Neferet e atingira Stevie Rae. O sangue jorrara do corpo dela a um ritmo alarmante, a tal ponto que parecia que o chão em volta dela estava a sangrar, coisa que realizou a estúpida da profecia para libertar o estúpido do anjo caído, Kalona, do seu encarceramento de milhões de anos dentro da terra. Stevie Rae tinha tão má cara que parecia ter deixado todo o sangue que possuía no chão e, embora se tivesse aguentado muito

bem, e falasse e andasse e estivesse quase sempre consciente, estava a desvanecer-se rapidamente num vácuo branco e fantasmagórico diante dos nossos olhos.

— Pronta, Zoey? — Perguntou Dário, e até dei um pulinho de susto.

O medo fazia-me bater os dentes a tal ponto que só consegui gaguejar:

— P-p-pronta.

— Stevie Rae? — Perguntou ele amavelmente. — Preparada?

— Tanto quanto alguma vez estarei, parece-me. Mas posso dizer-vos: quem me dera que parassem de me acontecer coisas destas.

— Afrodite? — Dário olhou para ela a seguir.

Afrodite mudou de posição, ajoelhou-se no chão em frente à cama e segurou os braços a Stevie Rae com firmeza.

— Tenta não te debateres muito — disse ela para Stevie Rae.

— Farei o que puder.

— Aos três — anunciou Dário, com o alicate pronto a fechar-se sobre a ponta da seta. — Um... dois... três!

Depois aconteceu tudo muito depressa. Ele cortou a ponta da seta como se esta fosse um graveto.

— Tapa-a! — Ordenou ele, e eu apoiei a compressa nos dois centímetros de haste que ainda saíam do peito de Stevie Rae, mesmo entre as maminhas, enquanto Dário passava para trás dela. Stevie Rae fechara os olhos com força. Voltara a uma respiração breve e rápida, e viam-se gotinhas de suor no rosto.

— Outra vez aos três, só que desta vez tu empurras a ponta da haste — ordenou Dário. Eu queria parar com tudo e gritar, *Não, vamos agasalhá-la e correr o risco do hospital*, mas Dário já começara a contagem.

— Um... dois... três!

Empurrei a ponta dura e acabada de cortar da haste enquanto Dário, apoiando-se com uma mão no ombro de Stevie Rae, puxava a seta do corpo dela com um safanão rápido e horrivelmente ruidoso.

Stevie Rae gritou. Eu também. Afrodite também. E depois Stevie Rae caiu para a frente nos meus braços.

— Mantém a compressa na ferida. — Dário limpou rápida e eficientemente o buraco exposto nas costas de Stevie Rae.

Lembro-me de repetir uma e outra vez: — Está tudo bem. Está tudo bem. Já saiu. Já acabou...

Em retrospectiva, lembro-me que eu e Afrodite chorávamos. A cabeça de Stevie Rae estava no meu ombro, eu não lhe podia ver o rosto, mas senti humidade pela minha camisa abaixo. Quando Dário a levantou cui-

dadosamente e a deitou na cama para lhe poder tratar da ferida no peito, senti um medo avassalador no corpo inteiro.

Nunca vira ninguém tão pálido quanto Stevie Rae – ninguém vivo, claro está. Tinha os olhos bem fechados, mas corriam-lhe lágrimas avermelhadas pelas faces que contrastavam horrivelmente com a cor quase transparente da pele.

— Stevie Rae? Estás bem? — Via-lhe o peito a arquejar, mas ela não abria os olhos e não se lhe ouvia nenhum som.

— Ainda... cá... estou. — Sussurrara as palavras com longas pausas entre elas. — Mas... assim... a flutuar... acima... gente.

— Ela não está a sangrar — disse Afrodite, baixinho.

— Não tem mais por onde sangrar — observou Dário quando lhe colou a compressa no peito.

— A seta falhou o coração — disse eu. — O objetivo não era matá-la. Era sangrá-la.

— Temos sorte, deveras, por aquele iniciado ter falhado o alvo — sentenciou Dário.

As palavras dele rodopiavam na minha cabeça porque eu sabia o que mais nenhum de nós sabia, que era impossível a Stark falhar o alvo. O dom que Nyx lhe concedera era ter sempre uma pontaria certa, acertar sempre no que quer que fosse o seu alvo, mesmo que isso por vezes tivesse consequências terríveis. A nossa Deusa fora a própria a dizer-me que, uma vez concedido um dom, ela nunca o revogava, logo, mesmo que Stark tivesse morrido e depois voltado dos mortos numa versão distorcida de si mesmo, ainda teria acertado no coração dela e matado Stevie Rae, se fosse essa a sua intenção. Queria isto dizer que restava mais humanidade a Stark do que parecera? Ele dissera o meu nome; ele reconhecera-me. Estremeci, a reviver a química que sentira entre nós mesmo antes de ele morrer.

— Sacerdotisa? Não estás a ouvir? — Dário e Afrodite estavam a olhar para mim.

— Oh, desculpa, desculpem. Estava distraída a... — Não queria explicar que estava a pensar no tipo que quase matara a minha melhor amiga. Ainda agora não quero explicar isso.

— Sacerdotisa, dizia eu que, se a Stevie Rae não consumir sangue, esta ferida, embora não seja no coração, pode muito bem vir a ser a morte dela. — O guerreiro abanava a cabeça enquanto examinava Stevie Rae. — Embora não possa dar certezas de que ela vá sarar. Ela é uma nova espécie de vampyra e eu desconheço a reação que o corpo dela irá ter mas, se ela fosse um dos meus irmãos guerreiros, ficaria muito preocupado.

Eu respirara fundo e preparara-me antes de dizer:

— Pronto. Muito bem. Esqueçam as Gémeas e o seu sangue-móvel.

Morde-me — disse eu para Stevie Rae.

Ela abriu os olhos e conseguiu, sabe-se lá como, sorrir levemente.

— Sangue humano, Z — disse ela, antes de fechar outra vez os olhos.

— Ela deve ter razão. Sangue humano tem sempre um efeito mais potente em nós do que sangue de iniciado ou até de vampyro — observou Dário.

— Pronto, então, vou a correr buscar as Gémeas — disse eu, embora não fizesse bem ideia aonde haveria de as ir buscar.

— Sangue fresco será melhor do que aquela coisa refrigerada sem sabor — atalhou Dário.

Ele nem sequer olhara para Afrodite, mas ela percebera logo a ideia.

— Oh, pelo amor da santa! Tenho que a deixar morder-me? Outra vez!

Pestanejei, sem saber o que dizer. Felizmente, Dário poupou-me.

— Pergunta a ti mesma o que a tua Deusa gostaria que fizesses — disse ele.

— Ora, merda! Isto de ser uma das boas é *realmente* uma seca. Literalmente. — Afrodite suspirou, levantou-se e arregaçou uma manga do seu vestido de veludo preto. De braço estendido em frente à cara de Stevie Rae, declarou:

— Pronto. Vá lá. Morde-me. Mas ficas a dever-me em grande. Outra vez. E não sei porque é que passo a minha vida a salvar a tua. Quer dizer, nem sequer... — As palavras morreram-lhe na garganta, abafadas por um gritinho.

Ainda é desconcertante pensar no que aconteceu a seguir. Quando Stevie Rae agarrou no braço de Afrodite, vi o semblante dela alterar-se de imediato. Deixou de ser a minha Amiguinha do Peito e passou a ser uma estranha selvagem. Os olhos brilhavam, vermelhos, e com um silvo assustador, ferrou os dentes no pulso de Afrodite.

Depois o gritinho de Afrodite converteu-se em gemidos perturbadores de tão sensuais, e os olhos dela fecharam-se quando a boca de Stevie Rae se fechou sobre ela, rasgando a pele com facilidade e fazendo o sangue quente e latejante correr, enquanto a minha melhor amiga sugava avidamente e engolia como uma predadora.

Pronto, sim. Era perturbante e feio, mas também estranhamente erótico. Eu sabia que sabia bem — só podia. É assim que se fazem os vampyros. Até quando é um iniciado a morder, faz com que o mordido (o humano) e quem morde (o iniciado) sintam ambos uma onda muito

intensa de prazer sexual. É assim que sobrevivemos. Os antigos mitos sobre vampes rasgarem gargantas e tomarem as vítimas pela força é conversa da treta – bem, a menos que alguém irrite um vampe sobremaneira. Ainda assim, mesmo de pescoço estraçalhado, é provável que o mordido goste.

Seja como for, somos o que somos. Ao observar o que se passava com Stevie Rae e Afrodite, era evidente que com os vampiros vermelhos se passava o mesmo fenômeno que dava prazer ao humano mordido. Quer dizer, Afrodite até se encostara sugestivamente ao corpo de Dário, que a abraçara e se debruçara para a beijar, enquanto Stevie Rae lhe continuava a sugar o pulso.

O beijo entre o guerreiro e Afrodite fora tão escaldante que quase se viam centelhas a voar. Dário segurava-a com cuidado para que Stevie Rae não lhe torcesse o pulso. Afrodite abraçara-o com o braço que tinha livre e entregara-se a ele com um abandono que evidenciava o quanto confiava nele. Senti-me culpada de estar ali a olhar, embora houvesse uma beleza sensual inegável no que lhes estava a acontecer.

— Pronto. Constrangedor.

— A sério. Podia bem passar uma vida inteira sem ver isto.

Eu deixara de olhar para Stevie Rae e companhia e vira as Gêmeas do lado de dentro da porta tapada com o cobertor. Erin tinha na mão vários pacotes daquilo que eram, obviamente, bolsas de sangue. Shaanee tinha uma garrafa de vinho tinto e um copo, daqueles típicos usados para a mamã servir chazinho gelado.

A *Duquesa* passou por elas e entrou no quarto a abanar a cauda, com Jack logo atrás.

— Minha Nossa Senhora, rapariga com rapariga enquanto o rapaz goza — disse Jack.

— Interessante... Pensar que alguns tipos acham mesmo uma cena destas excitante. — Damien entrara no quarto atrás de Jack, com um saco de papel na mão, e mirava Stevie Rae, Afrodite e Dário como se assistisse a uma experiência científica.

Dário conseguiu interromper o beijo, puxando Afrodite mais para si e apertando-a contra o seu peito.

— Sacerdotisa, isto vai ser humilhante para ela — disse-me ele em voz baixa e urgente. Não perdi tempo a pensar a qual das *elas* se referiria ele, Afrodite ou Stevie Rae. Antes que ele terminasse de falar, já eu me aproximara das Gêmeas.

— Deem cá isso — ordenei e tirei uma bolsa de sangue do pacote que Erin tinha na mão. A desviar-lhes completamente a atenção da cena que

decorria na cama, rasguei a bolsa com os dentes como se fosse uma embalagem de M&M's, ficando com uma boa quantidade de sangue na boca.

— Segura no copo, se faz favor — disse à Shaunee. Ela assim fez, embora me olhasse com ar enojado. Não lhe liguei nenhuma e deitei o sangue quase todo no copo, fazendo questão de lambe-los lábios e de apanhar o líquido que sentia neles. De propósito, virei a bolsa ao contrário, sorvi o que restava do sangue, e depois deitei fora a bolsa vazia. Depois tirei-lhe o copo de sangue das mãos.

— Agora o vinho — disse. A garrafa já fora aberta, pelo que Shaunee só teve de a desrolhar. Levantei o copo. Enchei-o de sangue a cerca de três quartos, pelo que não demorei nada a acrescentar o vinho para atestar.

— Obrigada — disse rapidamente e virei-me, dirigindo-me de volta à cama.

Num gesto que tentei que fosse profissional, agarrei no braço de Afrodite e puxei, soltando-o das mãos de Stevie Rae, que o seguravam com extrema e surpreendente gentileza. Pus-me discretamente à frente dela, tapando o corpo quase nu da minha melhor amiga da vista do povo basbaque, ou seja, as Gémeas, Damien e Jack.

Stevie Rae lançou-me um olhar furibundo, de olhos coruscantes e lábios arreganhados, numa boca onde se viam dentes aguçados e vermelhos de sangue. Embora eu tivesse ficado chocada com a monstruosidade que ela aparentara, mantive uma voz calma e até fiz um ar aborrecido.

— Pronto, já chega. Prova isto agora.

Stevie Rae rosou-me.

Coisa mais esquisita, Afrodite fizera um ruído muito parecido com o rosno de Stevie Rae. Mas que raio? Eu quisera virar-me para Afrodite e ver o que se passava com ela, mas sabia ser mais acertado concentrar-me na minha melhor amiga — que me rosava.

— Eu disse chega! — Falei numa voz o mais baixa possível para que as minhas palavras não chegassem a outros ouvidos.

— Recompõe-te, Stevie Rae. Já tiveste que chegue da Afrodite. Bebe. Isto. Agora. — Separei bem as palavras, e depois meti-lhe nas mãos a mistura de sangue e vinho.

O rosto dela alterou-se e ela pestanejou e fez um ar confuso. Levei-lhe o copo aos lábios e, assim que o cheiro lhe chegou, ela começou logo a sorvê-lo. Bebia avidamente, pelo que me permiti um segundo para olhar para Afrodite. Ainda nos braços de Dário, parecia bem, embora algo abalada, e fitava de olhos arregalados Stevie Rae.

Senti um desconforto na espinha ao ver a expressão chocada de

Afrodite, o que se revelou um pressentimento certo quanto à esquisitice que estava para vir. Contudo, virei-me para os meus amigos basbaques.

— Damien — disse, com a voz firme —, a Stevie Rae precisa de uma camisa. Podes ir buscar uma?

— O cesto da roupa. Tem camisas lavadas — disse Stevie Rae, entre goladas. Soava e parecia-se mais com ela própria. Fez um gesto com uma mão trémula para uma pilha de coisas. Damien assentiu e atravessou o quarto.

— Deixa-me ver o teu pulso — pediu Dário a Afrodite.

Sem falar, ela virou costas às Gémeas embasbacadas e deu o braço a Dário, pelo que eu fui a única a ter visto o que ele fez. O guerreiro levou o pulso dela à boca. Sem tirar os olhos dos dela, a língua saiu-lhe da boca e lambeu a fiada de marcas de dentes onde ainda se viam gotinhas escarlates. Ela susteve a respiração, eu vi que ela tremia, mas no momento em que a língua dele tocou na ferida, a hemorragia começou a coagular. Eu observava atentamente, pelo que não perdi a maneira como Dário arregalou os olhos, surpreendido.

— Ora, merda — ouvi Afrodite dizer-lhe baixinho. — É verdade, não é?

— É verdade — respondeu ele, numa voz tão baixa que só se destinava a ela.

— Merda! — Repetiu Afrodite, com ar incomodado.

Dário sorriu, e eu vi-lhe um brilho divertido nos olhos. Depois beijou-lhe o pulso suavemente e disse:

— Não importa; não nos afetará.

— Prometes? — Sussurrou ela.

— Dou-te a minha palavra. Fizeste bem, belíssima. O teu sangue salvou-lhe a vida.

Por momentos vi o semblante aberto de Afrodite. Abanou a cabeça ligeiramente e fez um sorriso sinceramente maravilhado, mas também sarcástico.

— E por que raio tenho de continuar a salvar o couro pacóvio da Stevie Rae é coisa que me ultrapassa. Só sei dizer que eu costumava ser mesmo, *mesmo* má, pelo que há uma quantidade inacreditável de merdas que tenho de compensar. — Afrodite pigarreou e passou as costas da mão trémula pela testa.

— Precisas de alguma coisa para beber? — Perguntei, a pensar de que raio estariam os dois a falar, mas não querendo inquirir logo, pois era óbvio não quererem que o quarto inteiro soubesse.

— Preciso. — Fiquei admirada quando Stevie Rae respondeu por ela.

— Aqui tens uma camisa — anunciou Damien. Aproximara-se da

cama, vira que Stevie Rae, a qual passara das goladas aos golinhos no copo de vinho, estava seminua, e desviara o olhar.

— Obrigada. — Fiz-lhe um sorrisinho rápido, peguei na camisa, e atirei-a a Stevie Rae. Depois voltei a olhar para as Gémeas. As goladas de sangue tinham começado a surtir efeito no meu corpo, e a exaustão que ameaçava levar a melhor desde que eu tivera de chamar os cinco elementos, e de os controlar, durante a nossa fuga da Casa da Noite, diminuía finalmente o bastante para me permitir pensar.

— Pronto, malta, tragam o sangue e o vinho para aqui. Trouxeram outro copo para a Afrodite?

Antes que eles pudessem responder, Afrodite interrompeu:

— Hum, sangue para mim, não. Tenho uma palavra para isso: asqueroso. Mas a vinhaça aceito.

— Não trouxemos mais copo nenhum — disse Erin. — Ela vai ter de beber da garrafa como uma camponesa.

— Desculpa lá, acho — disse Shaunee, fingida; passou a garrafa a Afrodite, e perguntou:

— Portanto, enquanto humana, podes explicar-nos como é ter um vampyro a sugar-nos o sangue?

— Pois, estas mentes inquiridoras querem saber porque parecia que tu estavas a gostar, e nós não sabíamos que davas para esse lado — disse Erin.

— Cérebros Partilhados, vocês não tomaram atenção nenhuma em Sociologia? — Retrucou Afrodite antes de virar a garrafa e de beber dela.

— Bom, eu li a secção sobre fisiologia do *Manual do Iniciado* — respondeu Damien. — A saliva dos vampyros tem coagulantes, anticoagulantes e endorfinas que atuam nas zonas de prazer do cérebro, humano e vampyro. Sabem, a Afrodite tem razão. Vocês duas deviam mesmo tomar mais atenção nas aulas. A escola deve ser mais do que um evento social. — Terminou todo empertigado, e Jack assentiu entusiasticamente.

— Sabes, Gémea, com o dramalhão que se passa lá em cima, a libertação de um anjo caído malvado e seus sequazes, e a Casa da Noite praticamente em modo de pânico, poderá não haver aulas durante algum tempo — disse Shaunee.

— Excelente observação, Gémea — disse Erin. — Significa isso que não precisaremos da Rainha Damien armada em precetora durante algum tempo.

— Portanto, podíamos, sei lá, agarrá-la e puxar-lhe o cabelo? O que te parece? — Perguntou Shaunee.

— Parece-me giro — respondeu Erin.

perseguida

— Ótimo. Estou a beber vinho tinto reles da garrafa. A Miss Vampire Pacóvia acabou de me morder – outra vez. E agora vou testemunhar uma briga da manada dos marados. — Parecendo muito mais a cabra que era normalmente, Afrodite soltou um suspiro dramático e deixou-se cair na ponta da cama ao lado de Dário. — Bem, pelo menos ser humana significa que devo conseguir ficar bêbeda. Talvez possa ficar assim nos próximos dez anos e picos.

— Não tenho vinho que chegue para isso. — Olhámos todos para a iniciada vermelha que entrava no quarto, seguida de vários outros que se apertavam atrás dela nas sombras. — E isso não é vinho tinto *reles*. Eu não tenho nada reles.

Toda a gente tomou atenção à iniciada vermelha, mas eu estivera a ver Afrodite a implicar com as Gémeas (e estava a preparar-me para intervir e mandar calar toda a gente), pelo que vi o breve lampejo, que parecia um misto de vergonha e constrangimento, que passou pelo rosto de Afrodite, antes de ela controlar o semblante e dizer friamente:

— Manada dos marados, esta é a Vénus. Gémeas Parolesas e Damien, vocês lembram-se da minha ex-companheira de quarto, a qual morreu há cerca de seis meses.

— Aliás, parece que as notícias da minha morte foram prematuras — disse a loura bonita, cheia de estilo. Depois aconteceu uma coisa completamente bizarra. Vénus parou e farejou o ar. Quer dizer, ela literalmente levantou o queixo e farejou o ar várias vezes na direção de Afrodite. Os iniciados vermelhos, que ainda estavam todos juntos atrás dela fizeram o mesmo, eu vi. Depois, os olhos azuis de Vénus abriram-se muito e, numa voz assaz divertida, ela disse:

— Ora... ora... ora... mas que interessante.

— Vénus, nem penses — começou Stevie Rae, mas Afrodite interrompeu-a:

— Não. Não importa. Mais vale toda a gente ficar a saber.

Com um sorriso mau, a loura prosseguiu:

— Só ia dizer o quanto é interessante que tenha havido Impressão entre Stevie Rae e Afrodite.



QUARTO CAPÍTULO

**T**ive de fechar a boca com força para não a escancarar como as Gémeas.

— Minha Nossa Senhora! Impressão! A sério? — Balbuciu Jack.

Afrodite encolheu os ombros. — Aparentemente. — Achei que ela parecia desprendida de mais, e evitava completamente olhar na direção de Stevie Rae, mas acho que consegui enganar quase toda a gente com aquela atitude «tanto faz».

— Ora, bate-me e chama-me tua! — Exclamou Shaunee.

— Bate-me a dobrar, Gémea — corroborou Erin. E depois as duas desataram às gargalhadas, semi-histéricas.

— Eu acho interessante. — Damien falou mais alto para se fazer ouvir no meio do cacarejar das Gémeas.

— Eu também — disse Jack. — De uma maneira esquisita, oh, minha Nossa Senhora.

— Parece que o karma apanhou finalmente a Afrodite — disse Vénus com um esgar que deu um aspeto reptiliano à sua beleza.

— Vénus, a Afrodite acabou de me salvar a vida. Outra vez. E não está nada certo que tu sejas mazinha para ela — disse Stevie Rae.

Afrodite olhou finalmente para Stevie Rae.

— Não comeces a fazer isso.

— A fazer o quê? — Perguntou Stevie Rae.

— A defender-me! Podemos ter criado Impressão de alguma maneira lixada, o que já é uma porcaria. Mas não te armes em minha Amiguinha do Peito! — Disse ela, lenta e distintamente.

perseguida

— E tu armares-te em odiosa não vai mudar isto — disse Stevie Rae.

— Ouçam, para mim, é como se *isto* nunca tivesse acontecido. — Uma onda de risinhos das Gémeas fez com que Afrodite olhasse para elas, furiosa.

— Gémeas Parolesas, hei de arranjar maneira de as sufocar às duas enquanto dormem, se não pararem de se rir de mim.

Naturalmente, as Gémeas riram-se a bandeiras despregadas.

Virando-lhes as costas, Afrodite encarou-me.

— Portanto, como eu dizia antes de ser brutalmente interrompida à décima potência: Vénus, grandessíssima seca, esta é a Zoey, a superiniciada de quem já deves ter ouvido falar, e Dário, o guerreiro Filho de Erebus com quem *não* hás de andar pelos cantos, e o Jack. Ele também não vai andar contigo pelos cantos, mas mais por ser gay como um pastel francês. A cara-metade dele é o Damien, o tipo que está a olhar para mim como se eu fosse a porcaria de um projeto de ciências. Já sabes que as Gémeas são as cabeças gargalhantes que ali estão.

Senti os olhos de Vénus em mim, pelo que consegui deixar de olhar para Afrodite (Impressão! Com a Stevie Rae!) e encarei-a. Como esperava, estava a mirar-me com uma expressão intensa que me pôs instantaneamente na defensiva. Eu ainda estava a tentar decidir se a minha reação negativa a Vénus se devia ao facto de ela ser (obviamente) uma cabra, de ela andar com o Erik pelos túneis, ou de eu ter um mau pressentimento quanto aos iniciados vermelhos em geral, quando ela falou.

— Eu e a Zoey já nos conhecemos, mas não foi oficial. Parece que da última vez que a vi, ela estava a tentar matar-nos.

Pus a mão na anca e fitei aquele olhar azul frio.

— Já que estamos numa de nostalgia, pode ser que percebas. *Eu* não estava a tentar matar ninguém. *Eu* estava a tentar salvar um miúdo humano a quem vocês estavam a tentar morder. Ao contrário de vocês, *eu* preferia ter estado no IHOP a comer panquecas com pepitas de chocolate, em vez de jogadores de futebol.

— Isso não faz com que a miúda que mataste esteja menos morta — disse Vénus, e os iniciados vermelhos atrás dela mexeram-se, inquietos.

— Z! Tu mataste alguém? — Perguntou Jack.

Abri a boca para responder, mas Vénus adiantou-se.

— Matou. A Elizabeth Sem Apelido.

— Teve de ser — disse eu, com simplicidade, a falar para Jack e sem ligar a Vénus e aos iniciados vermelhos, embora houvesse qualquer coisa neles que me punha os pelinhos da nuca em pé.

— Eles não queriam deixar que eu e o Heath saíssemos daqui vi-

vos. — Depois voltei a encarar Vénus. Era de uma beleza gélida. Vénus era elegante e sensual, vestia umas calças de ganga de marca e um top simples recortado que tinha uma caveira desenhada com brilhantes no peito. O cabelo dela era comprido e grosso, louro-dourado. Por outras palavras, era decididamente atraente o bastante para se dar com Afrodite, o que já era dizer muito, pois Afrodite é completamente espampanante. E, tal como Afrodite, outrora, Vénus era obviamente uma cabra odiosa e, provavelmente, já era assim antes de morrer e desmorrer. Fitei-a de olhos semicerrados.

— Ouve, eu disse-vos que se afastassem e que nos deixassem sair daqui. Vocês não quiseram. Fiz o que tinha de fazer para proteger alguém de quem gosto – e fiquem todos sabendo que o faria outra vez. — Olhei para os iniciados por detrás dela, e reprimi a vontade de invocar alguns elementos e ter o vento e o fogo a darem mais corpo à minha ameaça.

Vénus não me desfitou, furiosa.

— Pronto, minha gente, vão ter de aprender a darem-se bem. Esqueceram-se de que o mundo inteiro lá fora pode estar contra nós ou, pelo menos, cheio de bichos-papões aterradores? — Stevie Rae parecia cansada, embora ela mesma outra vez. Sentou-se na cama, alisou a t-shirt das Dixie Chicks que tinha vestida, e recostou-se devagar nas almofadas que Dário pusera por detrás dela.

— Portanto, como diria o Tim Gunn no *Project Runway*, vamos fazer com que dê certo.

— Ahhhhh, adoro esse programa — disse Jack, todo deslumbrado.

Ouvi dois iniciados vermelhos murmurarem que estavam de acordo e decidi que Stevie Rae poderia ter tido razão, durante uma das nossas muitas discussões sobre lixo televisivo: os *reality shows* podiam fazer do mundo um sítio melhor e trazer paz a toda a humanidade.

— Fazer com que dê certo parece-me bem. — Embora o meu alarme interior ainda me avisasse de que nem tudo eram rosas com os iniciados vermelhos, sorri para Stevie Rae, que me brindou com o seu sorriso a fazer covinhas. Pronto, era óbvio que ela acreditava podermos arranjar maneira de nos darmos todos bem. Por conseguinte, talvez o meu alarme estivesse no máximo por Vénus ser uma cabra odiosa, simplesmente, e não por ela e os outros serem a encarnação do mal.

— Ótimo. Portanto, primeiro, não se importam de me servir outra vez sangue e vinho? Mais sangue do que vinho. — Stevie Rae estendeu o copo vazio para as Gémeas, que se aproximaram da cama dela, e se afastaram do grupo de iniciados vermelhos, com ar grato. Reparei que Damien

e Jack, com *Duquesa* a seu lado, também tinham arranjado maneira de fugir para mais perto de mim.

— Obrigada — disse ela, quando Erin lhe pegou no copo.

— E há uma tesoura na gaveta ali para não teres de rasgar a bolsa com os dentes. — Ela revirou os olhos para mim. Enquanto Erin e Shaunee se entretinham a servir mais vinho com sangue a Stevie Rae, ela estudava o grupinho de iniciados vermelhos.

— Ouçam, já falámos sobre isto. Minha gente, sabem bem que vão ter de se portar bem com a Zoey e o resto dos miúdos. — Stevie Rae olhou para Dário e sorriu. — Bem, miúdos e vamps, digo.

— Com licença, malta. Deixem-me passar.

Ericei-me toda ato contínuo quando Erik empurrou o grupo que estava ao pé da porta. Se alguém (*Vénus*) tentasse mordê-lo, alguém (eu) lhe daria uma carga de porrada. Ponto final.

Sem ligar à tensão que se sentia no quarto, Dário perguntou:

— O que diz na rádio sobre o que se passa no mundo lá em cima?

Erik abanou a cabeça. — Não consigo sintonizar nada. Até fui lá acima à cave. É só estática. Também não consegui ter rede no telemóvel. Mas ouvi trovões e vi clarões de relâmpagos em força. Ainda está a chover, embora o tempo já esteja a arrefecer, ou seja, provavelmente vai cair gelo. Além disso, o vento aumentou de rajada. Não consegui perceber se o tempo está mesmo assim ou se foi Kalona e os passarões a provocá-lo. Seja como for, deve ser isso que está a estragar as comunicações das estações de rádio e torres dos telemóveis. Achei que gostariam de saber, e por isso vim cá para baixo. — Vi que os olhos dele passavam de Dário a uma Stevie Rae sem seta espetada e vi-o sorrir.

— Estás com melhor aspeto.

— A Afrodite salvou a Stevie Rae, deixou-a beber sangue dela — disse Shaunee, aos risinhos.

— Pois, e ocorreu Impressão entre elas — terminou Erin de supetão, e depois juntou a sua gargalhada à de Shaunee.

— Uau, estás a reinar, certo? — Disse ele, completamente chocado.

— Não, elas não estão a brincar — respondeu *Vénus*, impávida.

— Hum. Bom. Mas que interessante. — Vi o trejeito dos lábios de Erik quando olhou para Afrodite. Ela não lhe ligou nenhuma e continuou a beber da garrafa que ainda tinha na mão. Ele tossicou para disfarçar a vontade de rir, e depois o seu olhar pousou em *Vénus*. Assentiu, à sua maneira descontraída e popular.

— Olá outra vez, *Vénus*.

— Erik — disse ela com um sorriso selvagem, o que me deu vontade de a esmagar como a um inseto.

— A Afrodite fez bem em começar as apresentações — disse Stevie Rae e, antes que Afrodite a interrompesse, acrescentou:

— E não, não digo isto por ter havido Impressão entre nós.

— Quem me dera que parasses de falar nisso — resmungou Afrodite.

Stevie Rae continuou como se não a tivesse ouvido.

— Acho que é boa ideia sermos bem-educados, e fazer as apresentações é sinal de boa educação. Minha gente, já todos conhecem a Vénus — disse ela, e prosseguiu rapidamente: — Portanto vou começar pelo Elliott.

Um miúdo ruivo deu um passo em frente. Pronto, morrer e desmorrer não melhorara o miúdo em nada. Ainda era anafado e pálido com uma carapinha cor de cenoura desgrenhada e espetada nos sítios mais estranhos da cabeça dele.

— Sou o Elliott — disse.

Toda a gente lhe fez acenos de cabeça.

— A seguir temos o Montoya — disse Stevie Rae.

Um rapaz baixo de ar hispânico, que parecia um rufia de calças descaídas e piercings assentiu, e o cabelo preto e grosso caiu-lhe para a cara.

— Olá — disse ele, com uma pontinha de sotaque e um sorriso surpreendentemente giro e simpático.

— E aquela é a Shannon Compton. — Stevie Rae disse o primeiro nome e o apelido juntos, Shannoncompton.

— Shannoncompton? Ouve, não foste tu quem leu o excerto principal dos *Monólogos da Vagina* o ano passado no espetáculo da escola? — Perguntou Damien.

O rostinho bonito dela animou-se.

— Sim, fui eu.

— Lembro-me porque adoro os *Monólogos da Vagina*. Dão cá uma sensação de poder — observou Damien. — E logo depois do espetáculo tu... hum... — Ficou sem fala e muito nervoso.

— Morri? — Ajudou Shannoncompton.

— Pois, exato — respondeu Damien.

— Ai, credo, mas que pena — disse Jack.

Afrodite suspirou. — Ela já não está morta, tansos.

— E esta é a Sophie — anunciou Stevie Rae depressa, fazendo má cara para Afrodite, que já estava com voz de bêbeda. Uma morena alta avançou e fez um sorriso hesitante mas amistoso.

— Olá.

Acenámos e cumprimentámo-la também. Eu já me estava a sentir melhor acerca dos iniciados vermelhos, agora que apareciam como pessoas – e não pessoas que nos tentavam devorar. Pelo menos nesse momento, não tentavam.

— O Dallas é a seguir. — Stevie Rae apontou para um miúdo que estava atrás de Vénus. Ao ouvir o seu nome, ele rodeou-a algo encolhido e murmurou qualquer coisa que parecia olá. Poderia passar completamente despercebido se não fosse a argúcia que se via nos seus olhos e o sorriso algo namoradeiro que fez para Stevie Rae. *Hum, pensei eu, será que se passa alguma coisa aqui?*

— O Dallas nasceu em Houston, coisa que todos nós achamos estranho e confuso — dizia Stevie Rae.

O miúdo encolheu os ombros. — É uma história porca que o meu pai conta, de ele e a minha mãe me fazerem em Dallas. Nunca quis saber pormenores.

— Argh, os pais a fazerem sexo — disse Shaunee.

— Completamente asqueroso — corroborou Erin.

Vi que o grupo de iniciados vermelhos se ria discretamente com os comentários das Gémeas, o que começou a suavizar a tensão que havia entre nós.

— A seguir o Anthony, a quem tratamos por Ant.

Ant acenou com ar desajeitado e disse olá. Bem, era óbvio por que razão o tratavam por Ant. Era daqueles miúdos que parece que nunca crescem. Sabem, aqueles que parecem ter dez anos quando têm catorze e já deviam ter passado pela puberdade. Depois, como que para fazer o maior contraste possível, Stevie Rae apresentou o miúdo seguinte.

— Este é o Johnny B.

Johnny B era alto e corpulento. Fazia-me lembrar Heath e o seu corpo atlético e a confiança descontraída com que se mexia.

— Então — disse ele, mostrando dentes brancos e mirando descaradamente as Gémeas, as quais o fitaram de sobrolho erguido e com igual descaramento.

— Depois a Gerarty. É a melhor artista que eu já vi. Começou a decorar partes dos túneis. Vai ficar muito fixe quando ela terminar. — Stevie Rae sorriu para mais uma loura, só que Gerarty não era alta nem do tipo Barbie. Era bonita, mas o cabelo louro era mais deslavado do que platinado, e cortado à moda dos anos 70. Fez acenos de cabeça, parecendo pouco à vontade.

— E por último, mas não menos importante, Kramisha.

Uma rapariga negra destacou-se do grupo. Era prova do quanto eu andara distraída com Vénus, Afrodite e Stevie Rae o facto de ainda não ter reparado nela. Tinha uma camisa amarela viva, justa e decotada de modo a ver-se a parte de cima do sutiã de renda preto, e calças de ganga de cintura subida, muito justas e presas por um cinto largo de cabedal que combinava com os sapatos dourados e volumosos. O cabelo estava cortado geometricamente numa bola em torno da cabeça, e metade estava pintado de cor de laranja garrido.

— Vamo' já deixar aqui bem claro que nã' divido a 'nha cama co' ninguém — disse Kramisha, a bambolear a cabeça em redor, com um ar entediado e zangado ao mesmo tempo.

— Kramisha, já te disse milhões de vezes, não arranjes espiga onde ela não existe — disse Stevie Rae.

— Só quero deixar isso bem claro — insistiu Kramisha.

— Pronto. Está claro. — Stevie Rae calou-se e olhou para mim, expectante. — Pronto, é o meu grupo.

— E estes são os iniciados vermelhos todos? — Perguntou Dário antes que eu me lançasse nas apresentações.

Stevie Rae mordiscou a bochecha e não fitou Dário.

— Pois, estes são os meus iniciados vermelhos.

*Ai, ai, ela está a fazer aquela cara «não lhe conto a verdade toda».* Eu sabia, mas quando ela me fitou, os olhos dela suplicavam de tal maneira que eu não dissesse nada que decidi ficar de boca calada, e deslindar a história toda quando já não fôssemos alvo da atenção de todos.

Porém, o facto de adiar as perguntas a Stevie Rae não adia a sensação que voltara, o sinal de alarme dentro da minha cabeça, alto e bom som, por causa da evasiva dela. Passava-se mesmo qualquer coisa com os iniciados vermelhos, e não me parecia nada que viesse a ser coisa boa.

Pigarreei. — Bom, eu sou a Zoey Redbird. — Tentei soar educada e normal, numa situação em que não me sentia nada assim.

— Já vos contei da Zoey. Tem afinidade com todos os cinco elementos, e foi por causa dos poderes dela que eu consegui passar pela Mudança e todos nós recuperámos a nossa humanidade — disse Stevie Rae. Reparei que ela olhava diretamente para Vénus.

— Bom, não foi só por minha causa. Os meus amigos também têm muito a ver com isso. — Fiz um aceno de cabeça para Afrodite, a qual ainda bebia diretamente da garrafa de vinho.

perseguida

— É óbvio que vocês conhecem a Afrodite. Agora é humana, mas digamos apenas que não é normal — disse eu, evitando completamente o assunto da Impressão acabada de ocorrer entre ela e Stevie Rae.

Afrodite resfolegou, mas não disse nada.

— Estas são Erin e Shaunee, as Gémeas. Erin tem afinidade com a água. A afinidade da Shaunee é o fogo. — As Gémeas assentiram e disseram olá.

— Damien e Jack são um casal — disse eu. — A afinidade do Damien é o ar. O Jack é o nosso homem dos audiovisuais.

— Olá — cumprimentou Damien.

— Tudo bem? — Fez Jack, e levantou o saco que ainda tinha na mão. — Fiz sandes. Alguém tem fome?

— Não se importam de explicar o que está um cão aqui a fazer? — Perguntou Vénus, ignorando liminarmente a deixa amistosa de Jack.

— Ela está aqui porque é minha — respondeu Jack. — E fica comigo. — Baixou a mão e fez festinhas nas orelhas macias da *Duquesa*.

— A *Duquesa* fica com o Jack — disse eu firmemente, e olhei para Vénus com dureza, dando-lhe bem a entender que adoraria estrangulá-la com a trela da *Duquesa*, antes de continuar com as apresentações. — E este é o Erik Night.

— Lembro-me de ti das aulas de Teatro — disse Shannoncompton, e corou. — Tu és mesmo famoso.

— Olá, Shannon. — Erik fez-lhe um sorriso descontraído. — Gosto em ver-te outra vez.

— Eu também me lembro de ti. Andavas com a Afrodite — disse Vénus.

— Já não anda — disse Afrodite rapidamente, e lançou um *olhar* a Dário.

— Obviamente. Tu já não és iniciado — observou Vénus, numa voz melosa que parecia interessada de mais. — Quando foi a Mudança?

— Há poucos dias — respondeu ele. — Eu ia a caminho da nossa academia de teatro europeia quando Shekinah me pediu que ocupasse temporariamente a vaga deixada pela Professora Nolan na Casa da Noite.

— Ena, eu sabia que aquela Sumo-Sacerdotisa não me era estranha. Era mesmo Shekinah! — Exclamou Shannoncompton. — Eu vi-a mesmo antes de ela começar a andar na direção do tipo das asas e... — Parou de falar e pôs-se a mexer no lábio com ar aflito.

— E a Neferet matou-a — terminei eu frontalmente.

— Matou? Sabes isso de certeza? — Perguntou Dário.

— Ela morreu e eu vi a Neferet matá-la. Acho que a matou com a própria mente — respondi.

— Rainha Tsi Sgili — murmurou Damien. — Então é verdade.

— Preciso disto tudo bem explicado — afirmou Dário.

— E este é o nosso guerreiro dos Filhos de Erebus — disse eu.

— Ele tem razão — disse Stevie Rae. — Precisamos que nos expliquem o que aconteceu esta noite.

— Não só o que aconteceu esta noite — atalhou Dário. Olhava para o grupo de iniciados invulgares. — Preciso de informações para vos proteger. Tenho de saber tudo o que se tem passado.

— Concordo — disse eu, aliviadíssima por termos um Filho de Erebus experiente no nosso grupo.

— Podíamos comer e conversar — disse Jack. Quando olhei para ele, fez-me um grande sorriso. — Ajuda sempre comer junto. Uma refeição torna tudo melhor.

— A menos que sejas *tu* a refeição — ouvi Afrodite resmungar.

— O Jack tem razão — disse Stevie Rae. — Minha gente, porque é que não vão buscar as caixas de ovos que estão na cozinha e uns sacos de batatas fritas e tal? Vamos comer enquanto conversamos.

— Esse «e tal» será porventura mais sangue? — Perguntou Vénus.

— Porventura será — respondeu Stevie Rae em tom casual, claramente não querendo dar muita importância à questão do sangue.

— Ótimo. Vou buscar mais — disse Vénus.

— E já que vais ao sangue, traz-me outra garrafa de vinho — disse Afrodite.

— Sabes bem que não faço caridade, portanto ficas a dever-me — disse Vénus.

— Não me esqueci — disse Afrodite. — E tu não te esqueças que eu pago as minhas dívidas.

— Pois, tu eras assim, mas parece que houve uma mudança — observou Vénus.

— Fora de merdas? Queres dizer que só agora reparaste que virei humana?

— Não era disso que eu estava a falar. Vou só buscar o vinho — acrescentou Vénus, e saiu do quarto.

— Ouve, vocês não eram companheiras de quarto? — Perguntou Stevie Rae a Afrodite.

Afrodite não lhe ligou e eu tive vontade de a abanar e de gritar, *Não falar com ela nem olhar para ela não vai acabar com a Impressão que tens com ela.*

perseguida

— Pois eram — disse Erik para o ar, fazendo-me lembrar que ele e Afrodite tinham sido namorados, pelo que ele conheceria a companheira de quarto dela, talvez bem de mais.

— Pois, sim, as coisas mudam — disse Afrodite.

— As pessoas mudam — disse eu, e deixei de olhar para Erik.

Afrodite fitou-me. Os lábios curvaram-se num sorriso triste e sarcástico.

— Ora aí está uma verdade lixada — disse ela.



QUINTO CAPÍTULO

Portanto, temos sandes de manteiga de amendoim e doce, de paio e de fatias de queijo americano processado. — Jack disse «fatias de queijo americano processado» como se nos oferecesse com relutância minhocas e lama para comer. — E a minha criação pessoal *gourmet* do *Top Chef*: maionese, manteiga de amendoim e alface em pão branco.

— Pronto, Jacky. Porcaria — disse Shaunee.

— Mas tu perdeste a cabeça? — Ironizou Erin.

— O branco gay é esquisito — declarou Kramisha, e agarrou-se a uma sandes de paio e queijo.

As Gémeas assentiram e fizeram ruídos afirmativos, e Kramisha juntou-se a elas na caixa de ovos mais próxima.

Jack parecia ofendido de morte.

— Eu acho-as boas, e vocês deviam provar as coisas antes de dizer mal delas.

— Eu provo uma — disse Shannoncompton com doçura.

— Obrigado. — Jack sorriu e passou-lhe uma sandes embrulhada em papel absorvente.

Ouviu-se um grande restolhar de papéis enquanto todos nos instalávamos no quarto de Stevie Rae, agarrávamos nas sandes, e passávamos pacotes de batatas fritas uns aos outros. Fiquei admirada por ver a quantidade de sangue, batatas fritas e cola (viva a cola!). Era uma mescla surreal e esquisita, com as garrafas de vinho tinto e as bolsas de sangue que se partilhavam. Sentei-me na cama com Afrodite, Dário e Stevie Rae, que tinha cada vez melhor aspeto. Por um segundo, com os barulhos normais

perseguida

de miúdos a comerem e a conversarem, foi fácil imaginar que estávamos apenas num edifício decrepito da Casa da Noite e esquecer que estávamos num túnel debaixo da cidade, e que as vidas de todos nunca mais seriam as mesmas. Por um segundo, não fomos mais que um grupo de miúdos, uns amigos, outros não, e estávamos só a curtir juntos.

— Contem-me o que sabem da criatura que brotou da terra e das coisas aladas que a seguem. — As palavras de Dário fizeram com que toda a fachada «estávamos só a curtir juntos» desabasse como um castelo de cartas.

— Infelizmente, não sabemos tanto dele quanto gostaríamos, e aquilo que sabemos veio da minha avó. — Engoli o nó que tinha na garganta só de falar dela. — A avó está em coma, pelo que não nos pode ajudar agora.

— Oh, Z! Tenho tanta pena! — Exclamou Stevie Rae, tocando-me no braço.

— A versão oficial é que ela teve um acidente de viação. A verdade é que o acidente foi causado pelos Zomba-Corvos porque ela sabia de mais sobre eles — afirmei.

— Zomba-Corvos – são os seres que saíram da terra depois de o homem alado aparecer? — Perguntou Dário.

Assenti. — São filhos dele – foi o que aconteceu depois de ele violar as mulheres do povo da minha avó há mais de mil anos. Quando Kalona saiu do chão, os corpos deles foram-lhes devolvidos.

— E tu sabes essas coisas porque são criaturas das lendas cherokee? — Perguntou Dário.

— Aliás, sabemos estas coisas porque, na visão que a Afrodite teve há uns dias, ela viu uma profecia sobre o regresso de Kalona. Estava escrita na letra da avó, e telefonámos-lhe – contámos-lhe tudo. Ela reconheceu as referências e foi à Casa da Noite ajudar-nos. — Calei-me para continuar numa voz mais firme. — Por isso é que os Zomba-Corvos a atacaram.

— Quem me dera que tivéssemos essa profecia — atalhou Damien. — Gostaria de dar uma olhadela outra vez, agora que Kalona foi realmente libertado.

— Isso não tem dificuldade nenhuma — disse Afrodite. Bebeu um valente gole da garrafa de vinho, soltou uns soluços, e depois declamou:

*Antigo dormente, à espera da ressurreição  
Quando o poder da terra derramar o sangue sagrado  
A marca é verdadeira; da Rainha Tsi Sgili criação  
Ele será levado do seu leito amortalhado*

*Pela mão dos mortos ele será libertado  
Beleza terrível, visão monstruosa  
Por ele mais uma vez serão dominados  
As Mulheres obedecendo à sua mão tenebrosa*

*A canção de Kalona é doce de escutar  
Enquanto chacinamos com calor de enregelar.*

— Ena! Bom trabalho, rapariga! — Exclamou Jack a bater palmas.  
Afrodite curvou a cabeça com ar régio e disse:

— Obrigada... Obrigada... Não custou nada. Mesmo. — E depois voltou ao vinho.

Tomei nota mentalmente de ficar de olho na bebedeira dela. Pronto, sim, ela passara por um grande stress ultimamente, e ser mordida – duas vezes – pela Stevie Rae e, coisa mais bizarra, criar Impressão com ela, não podia ser particularmente bom para os nervos, mas era só o que nos faltava, termos a Miúda das Visões feita Bêbeda das Visões.

Dário assentiu ponderadamente.

— Kalona é o antigo dormente, mas isso não explica que tipo de criatura ele é.

— A avó disse que a melhor maneira de o descrever é pensar nele como um anjo caído, um ser imortal que andou na terra em tempos idos. Parece que havia um monte deles nas mitologias de muitas culturas, como na Grécia Antiga e no Antigo Testamento.

— Pois, de férias do Céu ou coisa assim, decidiram que as mulheres eram boas, e *acasalaram* com elas — disse Afrodite, a arrastar as palavras um bocadinho. — Acasalaram – mas que maneira tão presumida de dizer que fo...

— Obrigada, Afrodite. Eu continuo — disse eu. Fiquei contente por ela ter deixado de estar amuada e calada, mas já não sabia bem se aquele sarcasmo bêbedo seria melhor. Sem falar, Damien passou-me uma sandes e fez um aceno de cabeça a Afrodite.

— Come alguma coisa.

Depois eu retomei o fio à meada.

— Portanto, Kalona começou a dar-se com mulheres cherokee e ficou estranhamente viciado em sexo. As mulheres rejeitaram-no e ele começou a violá-las e a escravizar os homens da tribo. Um grupo de Mulheres Sábias chamadas Ghigua fez uma donzela de terra para o capturar.

— Hã? — Fez Stevie Rae. — Queres dizer uma boneca de lama?

— Sim, mas gira. Cada uma das mulheres deu à boneca um dom

diferente, depois deram-lhe o sopro da vida e chamaram-lhe A-ya. Kalona desejou A-ya, ela fugiu dele e levou-o até uma gruta nas profundezas da terra. Ele foi atrás dela, embora geralmente evitasse tudo o que fosse subterrâneo, e foi assim que elas conseguiram apanhá-lo.

— Por isso é que nos trouxeste para aqui, para estes túneis — disse Dário.

Assenti.

— Portanto, devemos considerar Kalona um imortal perigoso e os Zomba-Corvos seus sequazes. Quem é a outra criatura mencionada na profecia e também por Damien, uma Rainha Tsi Sgili? — Perguntou Dário.

— Segundo a avó, as Tsi Sgili são bruxas cherokee horrorosas. Não penses em seguidoras de Wicca nem em Sacerdotisas. Elas não são nada boas, são mais como demónios, a sério, só que são mortais e famosas pelas suas aptidões psíquicas, especialmente o poder de matarem com a mente — respondi. — A Neferet é a rainha de que fala a profecia.

— Mas a Neferet anunciou à Casa da Noite que Kalona é Erebus vindo à terra, e seu consorte, como se ela se tivesse tornado na encarnação literal de Nyx — raciocinou Dário lentamente, como se pensasse em voz alta.

— Ela está a mentir. A sério, ela renegou Nyx — disse eu. — Já sei há algum tempo, mas tem sido praticamente impossível agir abertamente contra ela. Quer dizer, vê só o que aconteceu esta noite. Toda a gente viu a Stevie Rae e os iniciados vermelhos e não se viraram contra ela. Tirando Shekinah, nem pestanejaram, nem sequer depois de ela mandar o Stark disparar a flecha.

— E por isso é que ela pediu a transferência do Stark da Casa da Noite de Chicago para Tulsa — observou Damien. Quando quase toda a gente lhe lançou olhares confusos, ele explicou. — O Stark é o James Stark, o iniciado que ganhou a medalha de ouro no tiro ao arco nos jogos de verão. A Neferet queria-o cá para poder usá-lo para matar a Stevie Rae.

— Faz sentido — disse Afrodite. — Já sabemos que a Neferet é responsável pelos iniciados que morrem e desmorrem. É óbvio que o queria usar, e o plano dela deu certo porque ele está mesmo morto-vivo e controlado por ela. — Afrodite parecia satisfeita com os seus poderes de dedução e virou a garrafa de vinho para mais umas goladas.

— Devo ter muita sorte por ele não ter boa pontaria agora que morreu e voltou — disse Stevie Rae.

— Não é nada assim. — A minha boca abriu-se antes que eu pudesse impedir. — Ele falhou o teu coração de propósito.

— O que queres dizer? — Perguntou Stevie Rae.

— Antes de o Stark morrer, ele contou-me do dom que Nyx lhe deu. Ele nunca falha, não consegue. Acerta sempre no alvo que se propõe.

— Então se ele não matou a Stevie Rae de propósito, quer dizer que ele não está completamente controlado pela Neferet — salientou Damien.

— Ele disse o teu nome — observou Erik. Os seus olhos azuis penetrantes pareciam ver dentro de mim. — Lembro-me disso claramente. Antes de ele atingir a Stevie Rae, reconheceu-te mesmo. Até disse que voltara por ti.

— Eu estava com ele quando ele morreu — respondi, retribuindo o olhar inquiridor de Erik, e tentei não ter um ar tão culpado quanto me sentia, por me sentir atraída por outro rapaz além dele. — Mesmo antes de ele morrer, eu contei ao Stark que os iniciados da nossa Casa da Noite andavam a regressar dos mortos. Era disso que ele estava a falar.

— Bem, havia obviamente ligação entre os dois — resumiu Dário. — E isso deve ter salvado a vida da Stevie Rae.

— Mas o Stark não estava nada como era — disse eu, e deixei de encarar Erik. Poucos dias tinham passado desde que eu beijara Stark e ele morrera nos meus braços, mas parecia uma eternidade. — Ele estava obviamente sob a influência da Neferet, mesmo que tentasse resistir-lhe.

— Pois, como se ela lhe tivesse lançado um sortilégio ou coisa assim — disse Jack.

— Espera aí, isso faz-me lembrar — atalhou Damien. — Reparei mesmo que toda a gente parecia deslumbrada e até algo desorientada quando Kalona apareceu.

Vénus resfolegou, parecendo-se muito com Afrodite na sua vertente mais sarcástica (e menos atraente).

— Toda a gente menos nós. — Fez um gesto para abarcar todos os iniciados vermelhos. — Soubemos que ele era mau e cheio de tretas no segundo em que o vimos.

— Como? — Perguntei abruptamente. — Como é que vocês souberam? Todos os outros iniciados, bem, tirando nós, caíram de joelhos diante dele. Nem os guerreiros Filhos de Erebus mexeram um dedo contra ele. — Eu também me sentira atraída por ele, mas não queria admiti-lo à frente de Vénus.

Vénus encolheu os ombros. — Era óbvio. Pois, ele era alto e giro, mas com franqueza! Ele irrompeu do chão depois de a Stevie Rae sangrar para cima dele.

perseguida

Observei-a atentamente, a pensar que a razão de ela reconhecer o mal de Kalona talvez fosse estar familiarizada de mais com o mal.

— Ouçam, o mano tinha asas. Isso não tá certo — acrescentou Kramisha, dividindo a minha atenção. — A ‘nha mãezinha disse-me pa’ não confiar em branco nenhum, muito menos num bonito. Quer-me parecer que um branco bonito com asas a rebentar do chão num monte de sangue e pássaros horrorosos é uma cena muita marada.

— Ela tem razão — disse Jack, esquecendo-se obviamente de que era branco e bonito.

— Tenho de contar uma coisa — disse Damien. Conseguimos deixar de olhar para Kramisha e dar-lhe atenção. — Se eu não estivesse no meio de um círculo completamente invocado, rodeado por vocês, com a Afrodite a gritar-nos para não nos separarmos e sairmos dali, eu também podia ter caído de joelhos.

Senti-me irrequieta.

— E vocês? — Perguntei às Gémeas.

— Ele era giro — disse Shaunee.

— Giraço — corroborou Erin. Olhou para Shaunee. A Gémea assentiu, e ela continuou:

— Ele também nos teria apanhado. Se a Afrodite não estivesse a guinchar horrivelmente para nós mantermos o círculo, ainda lá estaríamos no meio daquela trapalhada toda.

— O que não seria nada bom — disse Shaunee.

— E mai’ não digo — acrescentou Kramisha.

— Mais uma vez, salvei a manada dos marados — disse Afrodite com a voz arrastada.

— Come lá a sandes — disse-lhe eu. Depois virei-me para Erik.

— E tu? Ele deu-te vontade de... — Calei-me, sem saber como formular a ideia.

— Ficar e adorá-lo? — Atalhou Erik, e eu assenti. — Bem, eu senti-lhe o poder. Mas lembra-te, eu já sabia que se passava alguma coisa com a Neferet. Se ela estava com ele, eu achei que não queria nada a ver com ele. Portanto, concentrei-me noutras coisas.

Fitámo-nos e não largámos. Claro que Erik sabia que nem tudo estava bem com a Neferet, ele vira-me a confrontá-la. Mais, nessa altura já ele se apercebera de que eu só o enganara e estivera com o Poeta Laureado Vampyro, Loren Blake, porque Neferet o mandara seduzir-me e isolar-me dos meus amigos.

— Portanto, os iniciados vermelhos não são afetados por Kalona

como os iniciados comuns são — dizia Dário. — Embora pareça que os iniciados comuns possam controlar o efeito que ele tem neles, se tiver de ser. E aquilo que o Erik está a descrever, aliado à minha reação, diz-me que talvez os vampyros sejam menos suscetíveis do que os iniciados. — Calou-se e olhou para Jack. — Tu quiseste ficar e venerar Kalona?

Jack abanou a cabeça. — Népias. Mas eu não olhei muito para ele. Quer dizer, estava muito ralado com a Stevie Rae, e depois só pensava em ficar com o Damien. Mais, a *Duquesa* estava abalada por causa do S-T-A-R-K. — Jack soletrou o nome enquanto fazia festinhas a *Duquesa*. — E eu tinha de tomar conta dela.

— Porque é que não foste afetado por ele? — Perguntei a Dário.

Vi os olhos dele dardejarem para Afrodite, a qual mordiscava a sandes, algo tocada.

— Tinha outras coisas em mente. — Pausa. — Embora tivesse sentido o magnetismo dele. E lembra-te de que eu estou numa posição ligeiramente diferente da dos meus irmãos guerreiros. Nenhum deles tem sido tão íntimo do teu grupo. Quando um Filho de Erebus assume uma missão de proteção, como eu fiz quando comecei a acompanhar-te e a Afrodite, cria-se um laço muito forte. — Fez-me um sorriso caloroso. — Não raro, uma Sumo-Sacerdotisa é protegida pelo mesmo grupo de guerreiros toda a vida. Não é por acaso que temos o nome do fiel consorte da nossa Deusa, Erebus.

Sorri-lhe também e rezei para que Afrodite não fosse uma parva e lhe partisse aquele coração tão honrado.

— O que achas que está a acontecer lá em cima neste momento? — Perguntou Jack de súbito.

Toda a gente olhou para o teto curvo do pequeno quarto no túnel, e eu soube que não era a única a sentir-me aliviada por termos a espessura da terra entre nós e «lá em cima».

— Não sei — respondi, preferindo a resposta verdadeira em vez de qualquer coisa sem substância como, por exemplo, *tenho a certeza de que vai correr tudo bem*. Pensei bem, escolhendo as palavras com cuidado:

— Sabemos que um imortal antigo foi libertado da sua prisão na terra. Sabemos que ele traz consigo criaturas que são como demónios e que, da última vez que ele andou na terra, violou mulheres e fez escravos dos homens. Sabemos que a nossa Sumo-Sacerdotisa, e talvez até o que resta da Casa da Noite se passou, à falta de melhor descrição, para o Lado Negro.

Na pausa silenciosa que se seguiu às minhas palavras, Erik disse:

— Uma analogia com a *Guerra das Estrelas* funciona sempre.

Sorri-lhe, mas depois recompus-me e continuei:

— Não sabemos a extensão dos danos que Kalona e os Zomba-Corvos fizeram na nossa comunidade. O Erik disse que houve uma espécie de trovoada junto com a chuva e o gelo, mas pode não ter sido causada por meios sobrenaturais. Estamos no Oklahoma, o tempo pode ser completamente bizarro.

— *Oooooo-klahoma!* A terra dos tornados e tempestades de gelo que matam que se fartam — disse Afrodite.

Abafei um suspiro e não liguei à Bêbeda das Visões com Impresão.

— Por outro lado, sabemos que estamos bem seguros aqui em baixo. Temos comida e um teto e tal. — *Pelo menos, esperava que estivéssemos seguros ali em baixo.* Dei palmadinhas na cama onde estava sentada, a qual tinha mesmo lençóis verdes-clarinhos giros.

— Ah, falando em «e tal». Como é que conseguiram trazer estas coisas cá para baixo? — Perguntei a Stevie Rae. — Não estou a tentar ser mazinha, mas esta cama e a mesa e os frigoríficos e outras coisas são uma melhoria valente dos trapos sujos e outras porcarias que eu vi aqui há coisa de um mês.

Ela fez-me o seu sorriso giro de Stevie Rae e respondeu:

— Isso foi graças à Afrodite.

— Afrodite? — Repeti, de sobrolho erguido e a olhar para ela como toda a gente.

— O que posso dizer? Tornei-me na porta-voz das beneméritas. Ainda bem que sou gira — disse Afrodite, e depois arrotou como um carroceiro.

— Ups, *scusa* — entaramelou ela.

— *Scusa?* — Inquiriu Jack.

— É italiano, estúpido — disse Afrodite. — Vai expandir os teus horizontes gays.

— Então o que é que a Afrodite tem a ver com as coisas que vocês têm aqui em baixo? — Interrompi, antes que deflagrasse uma briga feia.

— Foi ela quem comprou estas coisas. Aliás, foi ideia dela — disse Stevie Rae.

— *Scusa?* — Perguntei, sem tentar disfarçar um sorriso.

— Eu fiquei aqui dois dias. Estavas à espera que eu vivesse numa

barraca? Nem por sombras. Há cartões de crédito, faz-se decoração. Acho que consta do brasão da minha família, junto com um martíni muito seco — disse ela.

— Há um Pottery Barn em Utica Square, mesmo ao fundo da rua. Fazem entregas. O Home Depot também, o qual também não fica longe daqui, embora eu só tenha sabido disso quando um dos anormais vermelhos me elucidou, porque não faço compras em lojas de eletrodomésticos.

— Eles não são anormais — disse Stevie Rae.

— Oh, morde aqui — disse Afrodite.

— Já mordeu — disse Vénus.

Afrodite olhou, furiosa mas desfocada, na direção dela mas, antes que pudesse sair-se com mais uma tirada embriagada, o miúdo chamado Dallas disse:

— Eu sabia que o Home Depot era ali. — Eu e os meus amigos olhámos para ele. Ele encolheu os ombros. — Sou bom a fazer coisas.

— O Home Depot e o Pottery Barn fizeram entregas aqui em baixo? — Perguntou Erik.

— Bem, tecnicamente, não — respondeu Stevie Rae. — Mas fazem nos Tribune Lofts, que ficam praticamente aqui ao lado. E com um bocadinho de, hum, persuasão amigável, trouxeram as coisas cá para baixo e quando se foram embora, esqueceram-se completamente. Portanto, *charan!* Coisas novas.

— Ainda não compreendo. Como é que os humanos puderam ser convencidos a vir cá abaixo? — Perguntou Dário.

Suspirei. — Uma coisa que deves saber sobre os vampyros vermelhos.

— E iniciados vermelhos também, só que não é tão forte neles — interrompeu Stevie Rae.

— E iniciados vermelhos — corrigi. — Têm uma coisa de controlo da mente que conseguem fazer aos humanos.

— Parece mais mauzinho do que é — disse Stevie Rae depressa, a tentar que Dário ficasse descansado. — Eu só mexi na memória das pessoas. Não fiz controlo da mente nenhum. Não queremos usar os nossos poderes para sermos todos odiosos e tal. — Ela lançou um olhar ao grupo de iniciados vermelhos. — Não é assim?

O grupo murmurou «É», mas eu reparei que Vénus não dizia nada, e Kramisha olhou em redor do quarto com ar culpado.

— Eles podem controlar a mente dos humanos. Eles não podem sair para a luz do Sol. O poder de recuperação deles é excelente. Eles precisam

perseguida

de estar em comunhão com a terra para se sentirem mesmo bem — enumerou Dário. — Estou a esquecer-me de alguma coisa?  
— Estás — disse Afrodite. — Eles mordem.



SEXTO CAPÍTULO

**P**ronto. Não falo mais contigo — disse eu à Afrodite, quando os iniciados vermelhos desataram às gargalhadas.

— Afrodite — é louca *memo* quando nã' tá bêbeda e Impressionada — disse Kramisha. — 'Tamos todos habituados a ela, *memo* assim.

— Mas sim — continuei, em resposta a Dário no meio das risadas do povo. — Todas essas coisas são verdadeiras acerca dos iniciados vermelhos.

— E da única vampyra vermelha. — Stevie Rae parecia cansada mas orgulhosa. — Ah, e também sei dizer que o Sol nasceu exatamente — parou de falar e inclinou a cabeça como se estivesse a ouvir grilos — há sessenta e três minutos.

— Todos os vampyros adultos sabem quando o Sol nasce — disse Dário.

— Aposto que nem todos os vamps ficam cheios de sono como eu. — Stevie Rae pontuou as suas palavras com um sonoro bocejo.

— Não, geralmente não — retorquiu Dário.

— Pois a mim dá-me muito sono — disse ela. — Especialmente hoje, coisa que aposto deve ter a ver com aquela estúpida seta que estava espetada em mim.

Desde que Stevie Rae falara nisso, eu sentira-me extremamente cansada, agora que o ímpeto do sangue já se desvanecera. Olhei para o nosso grupo de vermelhos e azuis e vi olheiras e muitos bocejos abafados. Kalona e os problemas da Casa da Noite não me largavam a cabeça, assim como a sensação crescente de que nem tudo era o que parecia com os

iniciados vermelhos, mas estava demasiado cansada para lidar com isso tudo.

Cheia de vontade de poder desatar a choramingar, pigarreei, concentrei-me e disse:

— E se fôssemos dormir um pouco? Estamos bem seguros aqui, e não há realmente nada que possamos fazer acerca do que se passa lá em cima, assim cansados que praticamente estamos a dormir em pé.

— Concordo — anuiu Dário. — Mas creio que devíamos fazer turnos nas entradas dos túneis – com a tua aprovação, Sacerdotisa, para o que der e vier.

— Sim, isso é inteligente — respondi. — Stevie Rae, há mais entradas para os túneis além daquela pelo depósito?

— Z, achei que sabias que há túneis que ligam a um monte de outros prédios antigos na baixa — disse Stevie Rae. — Esta secção faz parte desse sistema.

— Mas ninguém vem cá abaixo nem usa estes túneis específicos, tirando vocês, pois não?

— Bom, não, esta parte deles não, porque toda a gente acha que estão velhos e porcos e abandonados.

— Pode ser porque estão velhos e porcos e abandonados — entarmelou Afrodite, sarcástica. Reparei que ela não ligara nenhuma ao facto de eu dizer que já não lhe falava, e abrira uma segunda garrafa de vinho.

— Isso nã' tá certo. Nã' tão porcos nem abandonados — dizia Kramisha, a fazer má cara para Afrodite. — ‘Tamos cá e temos decorado. Tu devias saber porque foi co' teu cartão dourado ilimitado que comprámos as cenas.

— E deste pontapés na gramática ao mesmo tempo? Como agora? — Ironizou Afrodite, a olhar com ar atordoado por detrás de Dário para Kramisha.

— Ouve, sei que ‘tás humana e que acabaste de ficar Impressionada co'a Stevie Rae, pa' nã' falar na cadela que tens, maneiras que nã' queria usar os meus poderes superiores de iniciada vermelha p'ra' te dar porrada, mas se falas de mim outra vez, deixo de ser boazinha — disse Kramisha.

— Não podemos concentrar-nos nos mauzões que podem tentar comer-nos, em vez de brigarmos uns com os outros? — Disse eu, cansada. — Stevie Rae, os outros túneis estão ligados a este?

— Estão, mas estão selados ou, pelo menos, é esse o aspeto que têm para o resto das pessoas.

— Há apenas uma entrada desta secção dos túneis para a parte pública? — Perguntou Dário.

— Apenas uma de que eu saiba. E estava tapada com umas portas de metal muitíssimo grossas. Minha gente? Encontraram mais? — Perguntou Stevie Rae.

— Bom, talvez — respondeu Ant.

— Talvez? — Repetiu Stevie Rae.

— Eu andei a fazer explorações e encontrei qualquer coisa, mas a abertura era tão pequena que nem eu cabia, e não entrei. Queria lá voltar e remexer com uma pá ou, melhor ainda, com os músculos aqui do Johnny B, mas ainda não deu.

Johnny B sorriu e exibiu-nos os músculos. Não lhe liguei, mas as Gémeas fizeram ruídos de apreço.

— Portanto, em suma, vocês estão a dizer que, além da entrada pelo depósito, há uma que conhecemos de certeza que liga estes túneis aos outros? — Perguntei.

— Parece-me que é isso — respondeu Stevie Rae.

— Então recomendo que se destaquem dois guardas — afirmou Dário. — Um na entrada pelo depósito e outro na entrada conhecida para o outro sistema de túneis.

— Está bem, parece-me boa ideia — disse eu.

— Eu fico com o primeiro turno na entrada pelo depósito — disse Dário. — Erik, devias render-me lá. É o sítio mais vulnerável, pelo que deve ser guardado por vampyros adultos.

Erik assentiu. — Concordo.

— Eu e o Jack ficamos com o primeiro turno a guardar a entrada selada para os túneis da baixa — anunciou Damien. — Quer dizer, se vocês não acharem mal.

— Pois, até podíamos pensar em ementas e tomar nota das coisas que precisamos na cozinha — disse Jack.

— Parece-me bem — disse eu, e sorri para Jack e Damien.

— Concordo. Shaunee e Erin, não se importam de os render no próximo turno? — Pediu Dário.

As Gémeas encolheram os ombros. — Por nós, na boa — respondeu Erin.

— Ótimo. Parece-me avisado que não usemos os iniciados vermelhos para guardar as entradas durante o dia — disse Dário.

— Eh, lá, nós podemos dar-lhes uma abada — disse Johnny B, todo atleta e cheio de testosterona.

— Não é isso — atalhei, pois calculara o que Dário queria dizer. — Precisamos de vos deixar dormir durante o dia para que possam montar guarda à noite, quando estão mais fortes. O que significa, esperemos, que

serão mais fortes do que as criaturas que nos virão atacar. — Só não disse que, mesmo que Dário não tivesse falado na questão da luz do dia nos iniciados vermelhos, eu teria dito alguma coisa. Não queria ser «protegida» pelos miúdos de Stevie Rae enquanto não me sentisse mais segura deles.

— Ah, pois, bem. Isso podemos fazer. Acho fixe proteger uma Sacerdotisa e o grupo dela — disse Johnny B, e piscou-me o olho, todo fanfarrão.

Quis revirar os olhos, mas não o fiz. Mesmo sem a questão dos iniciados vermelhos, era só o que me faltava ter outro tipo com pinta de futebolista na minha vida. Os meus olhos fugiram para Erik e tive de me obrigar a não dar um saltinho de culpa. Pois, ele estivera a observar-me. Lindo. Não me ligara nenhuma desde que chegámos aos túneis, e escolhera o instante em que outro tipo se fazia a mim para me observar.

Jack levantou a mão como o bom aluno que era.

— Hum, pergunta...

— Sim, Jack — disse eu.

— Onde é que *nós* dormimos?

— Boa pergunta. — Virei-me para Stevie Rae. — Onde é que *nós* dormimos?

Johnny B falou antes de Stevie Rae poder responder.

— Para que conste, estou disposto a partilhar a minha cama. O meu coração é mais amoroso do que o da Kramisha.

— Não é o *coração* que tu queres partilhar — disse Kramisha.

— Não me venhas com ódios, nina! — Exclamou Johnny B, tentando (em vão) parecer negro.

Kramisha revirou-lhe os olhos. — És tá' louco.

— Bom, temos alguns sacos-cama — interrompeu Stevie Rae, com ar de quem estava prestes a adormecer. — Vénus, não te importas de mostrar à Zoey e ao resto dos miúdos onde estão? Minha gente, acho que podem dormir no quarto de quem quiserem. — Calou-se e fez um sorriso cansado para Kramisha. — Tirando com a Kramisha que não partilha a cama dela.

— Mas podem ficar no *mê* quarto. Não espiga — disse Kramisha. — Só que na cama não.

— Vocês agora têm todos quarto? — Não consegui deixar de soar admirada. Estava tudo tão diferente da primeira vez que eu lá fora abaixo. Nessa altura nem se poderia dizer que os miúdos eram humanoides, e os túneis eram escuros e sujos e sinistros. Agora o quarto onde todos nos apinhávamos estava acolhedor, iluminado por lamparinas a óleo e velas tremeluzentes, e a mobília era confortável, obviamente nova, e até havia

almofadas a combinar com a cama. Parecia tudo tão normal. Seria só a minha imaginação a dizer-me que havia coisas estranhas a acontecerem com eles, por estar tão cansada que mal podia pensar, caraças?

— Quem de nós quis o seu quarto fez um — respondeu Vénus. — Não é difícil. Nesta parte dos túneis há muitos becos. Temos andado a transformá-los em quartos a sério. Eu tenho mesmo um quarto para mim. — E sorriu para Erik. Tive de me lembrar que não deveria ser ético invocar o fogo e mandá-lo queimar o cabelo todo daquela cabeça de alho chocho dela.

— Deve ter sido aqui que foi guardada a maioria do álcool proibido durante a Lei Seca — disse Damien. — Tem lógica, porque a linha de comboio fica mesmo aqui, e teria sido fácil levar e trazer coisas a coberto da noite.

— Isso é tão fixe e romântico! — Suspirou Jack. — Quer dizer, aquilo tudo das flausinas e dos bares clandestinos e dos gângsteres dos anos 20.

Damien sorriu com indulgência para Jack.

— Aliás, a Proibição em Tulsa vigorou até 1957.

— Bom, deixa lá. Isso já não é romântico. É mais típico do Cinturão Bíblico para gays. — Jack soltou uma risadinha. — Gays! Hihihih.

— És fofo e tens graça. Por isso é que eu te adoro — disse Damien, e pespegou um beijo na boca de Jack, o que fez com que a *Duquesa* ladrasse de contente.

— Pronto, vômito — disse Afrodite.

— Ah, e tenho mais uma pergunta — disse Jack, de sobrolho franzido para Afrodite.

Ele ia começar a pôr a mão no ar, mas eu interrompi-o:

— Sim, Jack, o que é?

— Onde é que nós fazemos as necessidades?

— Necessidades? Mas ele disse mesmo necessidades? — Afrodite riu-se até resfolegar. Não lhe ligámos nenhuma.

— É fácil — disse Stevie Rae, no meio de um bocejo gigante. — Vénus, podes mostrar-lhes?

— Vocês têm casa de banho? — O quê? Havia canalização a funcionar nos túneis?

Vénus lançou-me um olhar escarninho que dizia «parece que afinal não sabes tudo».

— Casas de banho, no plural. Com chuveiros.

— Chuveiros de água quente? — Perguntou Jack, entusiasmado.

— Claro. Não somos bárbaros — respondeu Vénus.

— Como? — Perguntei.

— Ficam no prédio do depósito por cima de nós — disse Stevie Rae.  
— Temos feito muitas explorações lá. Está completamente entaipado, pelo que ninguém pode entrar, tirando pela entrada da cave, pelo que nós controlamos quem entra e quem sai.

— E não deixamos entrar qualquer um — acrescentou Vénus, com um ar perigoso.

Pronto, sinceramente, eu já gostava dela cada vez menos, a cada segundo que passava. E desta vez não tinha nada a ver com o facto de ela se babar toda com o Erik.

— Exxxclusivo. Um sítio cá dos meus — disse Afrodite, e arrotou.

— Seja como for — Stevie Rae revirou os olhos para Afrodite —, andávamos a vistoriar o depósito e encontrámos dois balneários – rapazes e raparigas. Achámos que deviam ter sido para os empregados do depósito. Até há um ginásio lá em cima. O Dallas fez o resto. — Stevie Rae recostou-se nas almofadas, cansada, e fez um gesto a Dallas para que contasse o resto.

Dallas encolheu os ombros, desprendido, mas o sorriso dele indicava que sabia ter feito uma coisa fixe.

— Encontrei a caixa de água principal do depósito e abri-a. Os canos ainda estavam todos bons.

— Não foi só isso que fizeste — observou Stevie Rae.

Ele sorriu-lhe e tornei a apanhar qualquer *cena* entre eles. Hum... Não me havia de esquecer dos mexericos com Stevie Rae mais tarde.

— Bom, também arranjei maneira de ligar a eletricidade. Foi isso que pôs as caldeiras a funcionar, e depois o cartão de crédito da Afrodite arranjou-nos extensões extralongas e tal, que eu liguei ao antigo sistema de iluminação dos túneis. Algum trabalho aqui e ali, e já temos água quente lá em cima e eletricidade cá em baixo.

— Uau — fez Jack. — Mas que fixe.

— Impressionante — anuiu Damien.

Dallas só sorria.

— Então querem usar as instalações ou não? — Perguntou Vénus. Achei-a rabugenta, ou talvez «cabra» fosse um termo mais apropriado.

— Sim! — Exclamou Jack, todo contente. — Vai saber-me muito bem um duche quente antes de entrar de serviço.

— Hum, o que é que há cá em baixo de produtos para o cabelo? — Perguntou Shaunee.

— Oh, nina. Tratei disso assim que ganhei taramanhos. N'á espiga, 'tá tudo tratado — disse Kramisha, levantando-se e sacudindo as migalhas das calças de ganga justíssimas.

— Excelente — disse Erin. — Vamos então.

Deixei-me ficar enquanto toda a gente saía do quarto de Stevie Rae.

— Ouve, Z, queres ser minha companheira de quarto outra vez? — Stevie Rae parecia exausta, mas brindava-me com aquele sorriso tão meu conhecido.

— Completamente — respondi. Olhámos as duas para Afrodite, a qual ainda estava empoleirada na beira da cama, meio encostada a Dário.

— Afrodite, vai buscar um saco-cama. Também podes ficar aqui — disse Stevie Rae.

— Pronto, ouve lá. Nem por sombras vou dormir contigo — disse ela, a tentar não entaramelar a voz. — A nossa Impressão não é *dessas*. E mesmo que eu fosse gay, que não sou, tu não és o meu tipo.

— Afrodite, eu não estava a fazer-me a ti. Mas que parvoíce — disse Stevie Rae.

— É só para saberes. Também quero que saibas que me vou livrar desta maldita Impressão assim que arranjar maneira.

Stevie Rae suspirou. — Não faças nada que nos vá magoar às duas. Já me chega de coisas que magoam durante algum tempo.

Eu estivera a ouvir a conversa com toda a atenção e todo o interesse. Quer dizer, ocorrera Impressão entre mim e o meu namorado humano, Heath, logo, eu sabia algo sobre a ligação a um humano pela magia do sangue. Também sabia algo sobre o fim de uma Impressão – o que podia ser bem doloroso.

— Zoey, será demasiado pedir-te que pares de olhar para mim? — Afrodite estalou, e eu dei um salto nada inocente.

— Não estava a olhar — menti.

— Tanto faz. Para.

— Não há que ter vergonha de uma Impressão, belíssima — afirmou Dário, e pôs o braço gentilmente à volta de Afrodite.

— Mas é esquisito — disse Stevie Rae.

Damien sorriu-lhe bondosamente. — Há muitos tipos de Impressões.

— Pois a nossa não é do tipo de beber sangue e fazer sexo — declarou Afrodite.

— Claro que não é. — Dário deu-lhe um beijinho na testa.

— O que significa que podes dormir aqui sem te passares — disse Stevie Rae.

— E eu torno a dizer que nem por sombras. Aliás, vou com o Dário. Ficarei de vigia com ele — anunciou Afrodite em tom decidido, erguendo a segunda garrafa de vinho meio vazia numa saudação bizarra e ébria.

perseguida

— O Dário tem de guardar a entrada dos túneis. Não precisa de tomar conta da tua bebedeira — disse-lhe Stevie Rae.

— Eu – vou – com – o – Dário — repetiu Afrodite, lenta e teimosamente.

— Ela pode ir comigo — disse este, tentando esconder um sorriso, em vão. — Eu levo um saco-cama para ela. Não me parece que ela venha a dar muito trabalho, e gosto de a ter perto de mim.

— Não venha a dar muito trabalho? — Inquiri. Eu e Stevie Rae olhámos para ele com ar interrogativo. Juro que aquelas maçãs do rosto altas e cinzeladas ficaram ligeiramente coradas.

— Ele deve estar a pensar noutra Afrodite. Outra que nós não conhecemos — disse Stevie Rae.

— Anda lá — disse Afrodite, cambaleando para se levantar. — Eu sei onde eles guardam os estúpidos dos sacos-cama. Não lhes liguês. — Fez uma tentativa hilariante de nos lançar um olhar furioso, o qual se transformou noutra arrotado muito macho, agarrou na mão de Dário, e saiu do quarto enquanto eu e Stevie Rae nos ríamos.

Antes de se baixar para passar pelo cobertor estendido na porta, Dário falou por cima do ombro para Erik, o qual eu quase me esquecera ainda estar no quarto. Quase.

— Erik, dorme um pouco. Eu acordo-te para o segundo turno.

— Parece-me bem. Estarei... — Erik hesitou.

— O quarto do Dallas fica mesmo ao fundo do túnel. Aposto que ele não se importa que fiques com ele — disse Stevie Rae.

— Pronto, lá estarei — disse Erik.

Dário assentiu. — Sacerdotisa, não te importas de ver os pensos da Stevie Rae? Se precisarem de ser mudados...

— Se precisarem de ser mudados, eu trato disso — interrompi. Raios me partam, já ajudara a empurrar uma seta através do peito dela. Com certeza poderia mudar um penso sem me passar.

— Bom, se precisarem de mim, mandem simplesmente um iniciado.

A frase do guerreiro foi cortada a meio quando Afrodite lhe deu um puxão que o fez sair do quarto. Depois ela meteu a cabeça na porta outra vez.

— Boa noite, catano. Não nos incomodem. — E desapareceu.

— Antes ele do que eu — ouvi Erik murmurar quando viu o cobertor voltar ao sítio. Não tentei disfarçar um sorriso. Estava contente por Erik já não estar interessado em Afrodite. Erik fitou-me e, devagar, sorriu também.



SÉTIMO CAPÍTULO

**N**ão, vocês dois continuem. Apanhem os outros. Eu vou só dormir — disse Stevie Rae, e enrolou-se do seu lado da cama, com todo o cuidado.

Ouviu-se um *miauf* rabugento e uma bola de pelo gorducha e cor de laranja entrou no quarto e saltou para cima da cama de Stevie Rae.

— *Nala!* — Exclamou Stevie Rae, e começou a coçar a cabecita da minha gata. — Olé, tive saudades tuas.

*Nala* espirrou na cara de Stevie Rae, deu três voltas em cima da almofada ao lado da cabeça dela, e depois começou a ronronar. Eu e Stevie Rae sorrimos uma para a outra.

Muito bem – nota especial: *Duquesa*, a cadela Labrador cor de mel de Jack, é uma anomalia. Stark levou-a com ele quando veio transferido da Casa da Noite de Chicago para a nossa escola. Depois morreu. Jack adotou-a. Depois Stark desmorreu, mas não estava obviamente nele, porque a primeira coisa que fez foi disparar uma seta para cima de Stevie Rae. Daí o facto de *Duquesa* ainda estar com Jack. Aliás, acho que o miúdo está a ficar muito apegado a ela.

Seja como for, quando o nosso grupo fugiu da Casa da Noite, os nossos gatos, mais a *Duquesa*, vieram connosco. Por conseguinte, ver *Nala* a aninhar-se deu um toque caseiro e acolhedor ao quarto, para mim e para Stevie Rae.

— Tu e o Erik vão andando. Tomem um duche ou coisa assim — repetiu Stevie Rae, sonolenta e aninhada com a gata. — A *Nala* e eu vamos dormir uma soneca. Ah, podem apanhar o resto da malta se virarem à

esquerda e depois continuarem sempre à direita. A entrada do depósito é ao pé do espaço onde temos os frigoríficos.

— Ouve, o Dário disse para eu te ver os pensos — lembrei eu.

— Mais logo — Stevie Rae bocejou desalmadamente. — Estão ótimos.

— Pronto, se tu o dizes. — Tentei não dar a entender o alívio que sentia. Nem por sombras eu viria a ser algo parecido com uma enfermeira. — Dorme um bocadinho. Voltarei daqui a pouco — disse eu. Juro que ela apagou antes de eu e Erik passarmos por baixo do cobertor axadrezado.

Virámos à esquerda e caminhámos sem dizer nada durante algum tempo. Os túneis eram menos sinistros do que quando eu lá estivera, mas não deixavam de ser claustrofóbicos, nem eram luminosos e alegres. A cada poucos metros havia lamparinas pregadas com o que parecia serem cavilhas dos caminhos-de-ferro nas paredes de cimento, ao nível dos olhos, mas a humidade estava por toda a parte. Não tínhamos andado muito quando vi qualquer coisa pelo canto do olho e abrandei, a perscrutar as pesadas sombras entre as lamparinas.

— O que foi? — Perguntou Erik baixinho.

Senti o estômago apertado de medo.

— Não sei, eu... — As palavras morreram-me na boca quando qualquer coisa explodiu da escuridão direita a mim. Eu abria a boca para gritar, imaginando iniciados vermelhos selvagens, ou pior, o horror dos Zomba-Corvos, mas o braço de Erik rodeou-me e ele puxou-me do caminho, por onde passaram meia dúzia de morcegos a esvoaçar.

— Eles têm tanto medo de ti quanto tu deles — disse ele, tirando o braço assim que as criaturas passaram por nós.

Estremeci, tentando obrigar o coração a bater normalmente outra vez.

— Pronto, não há maneira nenhuma de ser possível que eles tenham tanto medo de mim quanto eu tenho deles. Credo, morcegos são ratos com asas.

Ele riu-se e voltámos a andar. — Achava que os pombos é que eram ratos com asas.

— Morcegos, pombos, corvos – neste momento não quero saber de distinções. Não há nada com asas a esvoaçar que seja fixe para mim.

— Compreendo o que queres dizer. — Erik sorriu-me, embora isso não tenha ajudado muito a abrandar as batidas do meu coração e, enquanto andávamos, juro que ainda podia sentir o calor do braço dele nos meus ombros. Em poucos metros chegámos a uma secção do túnel que era tão espantosa quanto surpreendente. Eu e Erik parámos e ficámos a olhar.

— Uau, mas que coisa tão fixe — disse eu.

— Pois, uau — concordou Erik. — Deve ser obra da tal Gerarty. A Stevie Rae não a apresentou como sendo a artista que anda a decorar os túneis?

— Sim, mas eu não esperava nada disto. — Esqueci-me dos morcegos e passei a mão por um complexo e lindíssimo padrão de flores, corações, pássaros e toda a espécie de espirais, todos entrelaçados para criar um mosaico de cores garridas que parecia dar vida e magia àquela pequena parte das paredes lúgubres e claustrofóbicas.

— As pessoas, humanos e vampyros, pagariam uma fortuna por arte como esta. — Erik não acrescentou, *se o mundo alguma vez pudesse vir a saber de iniciados e vampes vermelhos*, mas a ideia pairou no ar entre nós.

— Esperemos que sim — disse eu. — Seria simpático se os iniciados vermelhos pudessem ser conhecidos do resto do mundo. — Além disso, acrescentei de mim para comigo, se eles fossem do domínio público, talvez as minhas sempiternas perguntas sobre os poderes e as tendências deles pudessem resolver-se com mais facilidade.

— Seja como for, acho que vampyros e humanos se deveriam dar melhor — acrescentei.

— Como tu e o teu namorado humano? — Ele fez a pergunta com calma e sem ponta de sarcasmo.

E eu fitei-o com firmeza. — Já não estou com o Heath.

— Tens a certeza?

— Tenho a certeza — respondi.

— Pronto. Ótimo. — E mais não disse. Começámos a andar outra vez, calados e perdidos em pensamentos.

Pouco depois o túnel curvava ligeiramente para a direita, a direção em que devíamos seguir, mas à nossa esquerda ficava uma saída abobadada e tapada com outro cobertor. Este era imitação de veludo preto com uma imagem foleira do Elvis de fato-macaco branco.

— Deve ser o quarto do Dallas — alvitrei.

Erik hesitou apenas um momento, depois afastou o cobertor e espreitámos lá para dentro. Não era assim muito grande, e Dallas não tinha cama, apenas dois colchões em cima um do outro no chão, mas tinha um edredão encarnado e fronhas nas almofadas a condizer (havia um grande alto debaixo do edredão, o qual presumi que fosse Dallas a dormir), uma mesa com montes de coisas que a pouca luz não deixava ver bem, e dois pufes pretos. Na parede curva por cima da cama estava um poster de... Forcei a vista para tentar perceber..

— Jessica Alba em *A Cidade do Pecado*. O miúdo tem muito bom

gosto. Ela é uma atriz vampe toda boa — disse Erik baixinho, para não acordar Dallas.

Olhei-o com má cara e deixei cair o cobertor do Elvis.

— O que foi? O quarto não é *meu* — disse ele.

— Vamos lá apanhar os outros — disse eu, e comecei a andar outra vez.

— Ouve — disse ele passados minutos de silêncio. — Tenho de te agradecer.

— A mim? Porquê? — Olhei para trás.

Ele fitou-me. — Por me salvares de ficar no meio daquela confusão.

— Eu não te salvei disso. Tu vieste connosco de livre e espontânea vontade.

Ele abanou a cabeça. — Não, tenho a certeza de que me salvaste, porque sem ti eu não teria nenhuma livre vontade.

Parou e tocou-me no braço, virando-me gentilmente para ele. Olhei para aqueles olhos azuis cintilantes, emoldurados pela sua Marca de vampyro, um complexo padrão que dava a impressão de uma máscara, dando um ar de Zorro ao seu estilo completamente lindo de Clark Kent – Super-homem, e perdido de bom. Porém, Erik era mais do que superbonzão. Erik era talentoso e sinceramente bom tipo. Detestei que tivéssemos acabado. Detestei ter causado a nossa separação. Apesar de tudo o que acontecera, queria ser namorada dele outra vez. Queria que ele confiasse em mim outra vez. Tinha tantas saudades dele...

— Tenho muitas saudades tuas! — Apercebi-me de que as palavras me tinham saído sem pensar quando os olhos dele se arregalaram e aquela boca sensual fez um sorriso.

— Estou aqui mesmo.

Senti a cara a arder desde o pescoço e soube que ficara corada como um tomate e nada bonita.

— Bem, tu estares mesmo aqui não é ao que eu me referia — disse eu como uma tolinha.

O sorriso dele abriu-se. — Não queres saber como me salvaste?

— Quero, claro que quero. — Quem me dera ter um leque para me abanar e deixar de parecer um tomate.

— Salvaste-me porque, em vez de estar hipnotizado pelo poder de Kalona, eu estava a pensar em ti.

— Estavas?

— Sabes o espanto que estavas quando invocaste aquele círculo?

Abanei a cabeça, apanhada pela radiância daqueles olhos azuis. Não queria respirar. Não queria fazer nada que pudesse estragar o que estava a acontecer entre nós.

— Foste incrível – belíssima, poderosa e confiante. Eu só conseguia pensar em ti.

— Eu cortei-te a mão. — Não consegui obrigar a minha boca a dizer mais nada.

— Teve de ser. Fazia parte do ritual. — Ele levantou a mão e virou a palma para cima para eu poder ver a linha fina que cortava a parte carnuda debaixo do polegar.

— Passei o meu dedo por aquela linha cor-de-rosa.

— Detestei ter de te ferir.

Ele pegou-me na mão e virou-a para expor as tatuagens cor de safira das palmas das minhas mãos. Depois, como eu fizera, ele passou um dedo ao de leve pela minha pele. Estremeci, mas não tirei a mão.

— Não senti dor alguma quando me cortaste. Só te senti a ti. O calor do teu corpo. O teu cheiro. A sensação que me dás nos meus braços. Por isso é que aquela criatura não me afetou. Por isso é que não acreditei em Neferet. Tu salvaste-me, Zoey.

— Mesmo depois de tudo o que se passou entre nós, ainda consegues dizer isso? — Senti os olhos marejados de lágrimas, e tive de pestanejar depressa para não me correrem cara abaixo.

Vi Erik respirar fundo. Parecia um mergulhador a preparar-se para saltar de uma falésia alta e perigosa. Depois, de rajada, disse:

— Eu amo-te, Z. Nada do que se passou entre nós mudou isso, mesmo quando eu quis que mudasse. — Rodeou-me o rosto com as mãos. — Eu não podia ser enganado por Neferet nem hipnotizado por Kalona porque já sou louco por ti, já estou hipnotizado pelo que sinto por ti. Ainda quero estar contigo, Zoey, basta dizeres sim.

— Sim — sussurrei, sem um instante de hesitação.

Ele curvou-se e os lábios dele encontraram os meus. Abri a boca e aceitei aquele beijo tão meu conhecido. O gosto dele era o mesmo, o toque dele era o mesmo. Ergui os braços, rodeei-lhe os ombros largos e cheguei-me a ele, mal podendo acreditar que ele me perdoara – que ainda me queria – que ainda me amava.

— Zoey — murmurou ele perto da minha boca —, também tive saudades tuas.

Depois beijou-me outra vez, e juro que me senti tonta. Foi diferente de quando o beijava antes – antes de ele ser um vampyro adulto –, antes de eu perder a virgindade com outro homem. Agora era como se ele soubesse um segredo, mas eu não o ignorasse. Senti-o gemer, mais do que ouvi, e depois também senti a dureza fria da parede do túnel nas minhas costas, quando ele me virou nos seus braços e me prendeu ali. Uma das

mãos dele, ao fundo das minhas costas, apertava-me firmemente contra ele. Senti a outra a deslizar-me pelo flanco, por cima do vestido cerimonial e a subir pela parte de trás da coxa até encontrar a bainha, depois os dedos dele a subir por baixo do vestido, quentes contra a frescura da minha pele nua.

Pele nua?

Encostada à parede de um túnel?

Apalpada no escuro?

E o pior pensamento de todos sacudiu-me: *Pensaria o Erik que por eu ter feito sexo (uma vez!), agora era época de caça para comer a Zoey? Raios me partam!*

Eu não ia fazer aquilo. Ali não. Assim não. Raios, nem sequer sabia se estava pronta a fazer aquilo outra vez. A única vez que eu fizera sexo com alguém acabara desastrosamente e fora o maior erro da minha vida. Não era coisa que me tivesse transformado numa vadia ninfomaníaca!

Empurrei o peito de Erik e afastei os lábios dos dele. Ele não se importou. Aliás, mal reparou. Continuou a apertar-me e começou a beijar-me o pescoço.

— Erik, para, por favor — disse eu sem fôlego.

— Hum, tu sabes tão bem.

Ele soava tão sensual e excitado que, por momentos, fiquei confusa quanto à minha própria vontade. Quer dizer, eu queria estar com ele, e ele dava-me uma sensação tão boa e conhecida e...

Comecei a descontrair-me quando vi qualquer coisa por cima do ombro dele. O medo apunhalou-me quando me apercebi de que a coisa tinha olhos vermelhos coruscantes dentro de um mar fundo e ondulante de negrume que parecia coagular e contorcer-se no ar como um fantasma feito de escuridão.

— Erik! Para! Já. — Empurrei-lhe o peito com força e ele recuou a cambalear. O coração batia-me descompassado, e eu mexi-me com rapidez para poder enfrentar o que estivesse atrás dele. Não havia olhos vermelhos virados para mim, mas juro que vi uma escuridão líquida dentro do negrume da sombra. Pestanejei e foquei a vista; a estranheza desapareceu, deixando-me só a mim e a Erik num túnel escuro e silencioso.

De súbito, da direção contrária, ouvi sapatos a tinir no cimento e respirei fundo, a preparar-me para chamar um elemento que me ajudasse a combater aquela ameaça nova e sem rosto, quando Kramisha saiu calmamente das sombras. Olhou para Erik longa e atentamente e depois disse:

— Ninooooo, ‘tás a fazer isso aqui no túnel? Mano, tu sabe-la toda.

Erik virou-se para ela e meteu-me debaixo do braço. Não precisei de

olhar para ele para saber que ele tinha um sorriso fácil na cara. Erik era mesmo bom ator. Mostrava a Kramisha um semblante controlado, com a devida nuance de malandro apanhado em flagrante.

— Então, Kramisha — disse ele descontraidamente.

Por outro lado, eu mal me aguentava de pé, quanto mais conseguir falar. Sabia que estava vermelha como um tomate e que tinha os lábios doridos e húmidos. Raios, provavelmente *eu* estava dorida e húmida.

— Kramisha, viste alguma coisa ali no túnel? — Estiquei o queixo na direção das sombras por detrás de nós e consegui não soar muito a estrela porno ofegante.

— Não, nina, só te vi a ti e ao teu namorado aqui nos meles — respondeu Kramisha rapidamente.

Fiquei a pensar se ela não teria respondido rapidamente de mais.

— Ohh! O Erik e a Z na marmelada? Mas que fofo! — Aparentemente vindo do nada, Jack materializou-se atrás de Kramisha, com *Duquesa* a latir e a abanar o rabo a seu lado.

— Z, não te passes. Deves ter visto mais daqueles morcegos — disse Erik, e apertou-me o ombro para me acalmar antes de assentir para Jack. — Então, Jack, achei que já estarias a regalar-te com um duche quente.

— Ele vai, mas veio ajudar-me com as toalhas e tal — disse Kramisha. — E sim, há *memo* morcegos aqui em baixo. Nã' se metem conosco se nã' nos metermos com eles. — Depois Kramisha bocejou e espreguiçou-se de uma maneira que a fazia parecer uma gata preta comprida e esbelta.

— Já que 'tão aqui, ajudam o Jack a levar as coisas para os duches, que vou fazer o mé' sono de beleza?

— Na boa. Não nos importamos de ajudar — disse eu, recobrando a voz e sentindo-me uma parva por deixar que morcegos num túnel escuro quase me fizessem borrar de medo. Credo, precisava mesmo de dormir. — Eu e o Erik íamos agora mesmo para as casas de banho.

Kramisha olhou-nos lenta e demoradamente, e nem o sono escondeu o seu ar sabido.

— Hã, hã, 'tavam com ar de quem ia p'ás casas de banho.

Senti-me corar outra vez.

Ela virou-se e achei que ia (estranhamente) meter-se na parede do túnel por detrás dela, mas desapareceu. Depois ouvi um fósforo e uma lamparina alumiu uma secção côncava do túnel, ligeiramente mais pequena do que o quarto de Dallas. Kramisha pendurou a lamparina num prego e depois olhou para nós.

— Atão? 'Tão à espera de quê?

— Ah, pois, está bem — disse eu.

Jack, *Duquesa*, Erik e eu pusemo-nos ao lado de Kramisha para vermos o quarto. Tinha prateleiras escavadas na parede de cimento e parecia um armário bem arrumado. Vi pilhas de toalhas bem dobradas e, coisa mais estranha, roupões felpudos onde *Duquesa* metia o focinho.

— Esse cão ‘tá limpo? — Perguntou Kramisha.

— O Damien diz que a boca de um cão é mais limpa do que a de um ser humano — disse Jack, a fazer festinhas na cabeça da enorme Labrador.

— Nã’ somos humanos — disse Kramisha. — Nã’ te importas de o nariz molhado dele ficar longe das cenas?

— Está bem. Mas tenta lembrar-te de que ela passou por um trauma e melindra-se facilmente.

Enquanto Jack puxava a *Duquesa* para perto de si e tinha uma conversa séria com ela para que não metesse o nariz nas coisas, eu olhava para as pilhas de coisas.

— Hum. Quem diria que havia aqui tanta coisa?

— Afrodite — disse Kramisha, e encheu-nos as mãos de turcos. — Ela pagou. Ou o cartão dourado da mãezinha dela. Vocês nã’ acreditam na quantidade de coisas que se podem mandar vir da Pottery Barn com crédito ilimitado. Fez-me decidir duma vez por todas a carreira que quero ter.

— A sério? O que queres fazer? — Perguntou Jack. Com a *Duquesa* educadamente sentada ao lado dele, Jack estendeu os braços para receber toalhas e roupões.

— Vou ser escritora. daquelas ricas. Com cartão dourado ilimitado. Sabem que as pessoas se portam doutra maneira quando temos crédito *memo*?

— Pois, deve ser. Já vi vendedoras a lamber as botas das Gémeas — disse Jack. — As famílias delas também têm dinheiro. — Jack sussurrou a última frase como se fosse segredo, mas não era. Toda a gente sabia que os pais das Gémeas eram ricos. Pronto, não eram ricos como Afrodite, mas mesmo assim. Elas tinham-me oferecido umas botas pelos meus anos que tinham custado quase 400 dólares. Para mim, isso é ser rico.

— Bom. Decidi que gosto que me lambam as botas. Portanto, vou tratar disso. Pronto, já chega de cenas. Andem lá. Vou até meio caminho com vocês mas, quando chegarmos ao mê’ quarto, vou-me deitar. Jack, sabes o caminho para os duches, nã’ sabes?

— Sei, pois — respondeu ele.

Descemos o túnel, seguindo a curva para a direita. A próxima entrada que vimos estava tapada com uma faixa de seda roxa brilhante.

— Aqui é o mê' quarto. — Kramisha viu-me a olhar para aquele tecido espantoso que servia de porta e sorriu.

— É 'ma cortina da Pier One. Nã' fazem entregas, mas aceitam cartões dourados ilimitados.

— É uma bela cor — disse eu, a pensar na parva que era por estar a imaginar bichos-papões em cada sombra, quando o sítio fora decorado na Pier One.

— Obrigada. Ê cá gosto de cores. É 'ma parte importante da decoração. Querem ver o mê' quarto?

— Queremos — respondi.

— Mesmo — disse Jack.

Kramisha olhou para a *Duquesa*. — Ela sabe ir à casa de banho?

Jack empertigou-se. — Claro. Ela é uma senhora.

— Acho bem — resmungou Kramisha; depois puxou a cortina para o lado e fez um gesto gracioso com a mão livre.

— Podem entrar no mê' espaço.

O quarto de Kramisha tinha o dobro do tamanho do de Stevie Rae. Ela tinha duas lamparinas e uma dúzia de velas perfumadas, o que dava ao cheiro da tinta acabada de pintar um toque citrino. Era evidente que ela pintara recentemente as paredes de cimento numa cor de lima berrante. A mobília era de madeira escura – cama, cómoda, mesa-de-cabeceira, estante. Não tinha cadeiras mas sim enormes almofadas de cetim em tons roxos e rosados, a combinar com a roupa da cama. Na dita cama estavam meia dúzia de livros, com marcadores ou abertos, como se ela estivesse a meio de os ler todos ao mesmo tempo. Reparei que, junto com os livros da estante, tinham todos autocolantes Dewey na lombada. Kramisha percebeu que eu reparara nisso.

— Sã' da Biblioteca Central na baixa. 'Tão abertos até tarde aos fins de semana.

— Não sabia que a biblioteca deixava trazer assim tantos livros ao mesmo tempo — observou Jack.

Kramisha ficou nervosa. — E nã' deixam. O regulamento não. A nã' ser que se faça umas coisinhas com as cabeças deles. Devolvo-os assim que puder ir à Borders comprar p'ra mim — acrescentou ela.

Suspirei e acrescentei «roubar na biblioteca» à lista que tinha na cabeça das coisas que os iniciados vermelhos tinham de ser encorajados a deixar de fazer mas, quando pensei nisto, também me repreendi a mim mesma. Kramisha tinha mesmo um ar culpado por abarbaratar livros da biblioteca. Uma miúda que ainda tivesse tendências monstruosas ralar-se-ia com delitos menores? *Não, não, raios me partam, mas*

perseguida

não, disse de mim para comigo e, ato contínuo, aproximei-me da cama para ler os títulos. Havia um exemplar enorme das obras completas de Shakespeare, bem como um *Jane Eyre* ilustrado de capa dura, em cima de outro intitulado *The Silver Metal Lover*, de Tanith Lee. Também havia uma edição de capa dura de *Dragonflight*, de Anne McCaffrey, ao lado de *Thug-a-Licious*, *Candy Licker* e *G-Spot* por um autor cujo nome parecia ser Noire. Estes últimos estavam abertos com capas muito porcas à mostra. Completamente curiosa, pousei a pilha de toalhas em cima do edredão cor-de-rosa vivo, peguei em *Thug-a-Licious*, e comecei a ler a página onde estava aberto.

Juro que até as retinas me começaram a arder com a cena escaldante que li.

— Pornografia. Agrada-me — disse Erik por cima do meu ombro.

— Hum, são p'ra pesquisa. — Kramisha tirou-me rapidamente o livro das unhas e lançou a Erik um olhar sabido. — E p'lo que vi lá fora, tu nã' precisas de ajuda nenhuma.

Senti a cara a arder outra vez e suspirei.

— Olhem, poesia fixe — ouvi Jack dizer. Contente por ter uma distração, olhei para onde Jack apontava: vários cartazes colados nas paredes verdes de Kramisha. Estavam cheios de poesia, toda na mesma letra enroladinha, com cores diferentes de marcadores fluorescentes.

— Gostas? — Perguntou Kramisha.

— É ótimo. Eu gosto muito de poesia — respondeu Jack.

— São meus. Eu é que escrevi — disse Kramisha.

— Estás a reinar? Canudo, achei que eram de um livro ou coisa assim. Tu és mesmo boa — disse Jack.

— Obrigada, já disse que vou ser escritora. Rica e famosa com grandes poderes de cartão dourado.

Ouvi vagamente Erik juntar-se à conversa. Toda a minha atenção se concentrara num pequeno poema escrito a negro num cartaz vermelho-sangue.

— Também escreveste aquele? — Perguntei, sem querer saber se lhes interrompia a conversa nem se gostavam mais de Robert Frost ou de Emily Dickinson.

— Escrevi todos — disse ela. — Sempre gostei de escrever, mas desde que fui Marcada, cada vez escrevo mais. Vêm-me à ideia. Tenho esperança de saber escrever mais do que poemas. Gosto e tudo, mas os poetas nã' ganham muito. Sabem, procurei carreiras na Biblioteca Central também, porque, sabem, fica aberta até tarde. Enfim, poetas nã' ganham.

— Kramisha — interrompi —, quando é que escreveste aquele? —  
Eu tinha uma sensação esquisita no estômago e a boca seca.

— Escrevi-os todos nos últimos dias. Sabem, desde que a Stevie Rae nos recuperou os taramanhos. Antes disso eu não pensava em grande coisa senão morder humanos. — Fez um sorriso como quem pede desculpa e encolheu um ombro.

— Então escreveste aquele – aquele a preto – nos últimos dois dias? — Apontei para o poema.

*Sombras dentro de sombras  
Ele observa através dos  
Sonhos  
Asas negras como África  
Corpo forte como pedra  
Finda a espera  
Os corvos chamam.*

Jack ficou espantado depois de ler o poema.

— Oh, Deusa! — Ouvi Erik dizer baixinho quando também ele leu o poema.

— É fácil. É o último que escrevi – ontem. Eu ‘tava... — As palavras dela morreram quando compreendeu as nossas reações. — Merda! É sobre ele!

perseguida



## OITAVO CAPÍTULO

O que é que te fez escrevê-lo? — Perguntei, ainda a olhar para as palavras a negro.

Kramisha sentou-se pesadamente na cama, de súbito com um ar tão cansado quanto Stevie Rae tivera. Abanava a cabeça para trás e para a frente, para trás e para a frente, fazendo o cabelo cor de laranja e preto dançar contra as faces macias.

— Veio-me à ideia, como tudo o que escrevo. As coisas entram-me na cabeça e depois escrevo-as.

— O que é que achaste que queria dizer? — Perguntou Jack, a dar-lhe palmadinhas no braço, como quando dava palmadinhas à *Duquesa* (enrolada aos seus pés).

— Não pensei muito nisso. Veio-me à ideia. Escrevi. Mai' nada. — Calou-se, a olhar para os cartazes, e depois afastou os olhos depressa, como se tivesse medo do que via.

— E estes são todos poemas que escreveste nos dias desde a Mudança da Stevie Rae? — Dei atenção aos outros poemas. Havia vários *haiku*.

*Olhos sempre vigilantes  
Sombras dentro de sombras à espera  
Uma pena preta cai*

*Primeiro aceite, amado  
Depois traído – cuspido na cara  
Vingança doce como gomas*

— Doce, bendita Nyx. — A voz chocada de Erik ouviu-se atrás de mim, baixo, só para os meus ouvidos. — São todos sobre ele.

— O que quer dizer «doce como gomas»? — Perguntava Jack a Kramisha.

— Sabes – gomas doces. Eu cá adoro gomas de gelado — disse ela. Eu e Erik vagueámos pelo quarto de Kramisha. Quanto mais lia, maior era o nó que sentia no estômago.

*Fizeram*

*Mal*

*Como tinta de uma caneta partida*

*Deitado fora por causa de alguém*

*Usado*

*Mas ele volta*

*Vestido de noite*

*Bom como um rei*

*Com a sua rainha*

*O mal*

*Feito bem*

*Tão bem*

— Kramisha, em que pensavas quando escreveste este? — Perguntei, apontando para o último que lera.

Ela encolheu o mesmo ombro.

— Acho que pensava que ‘távamos fora da Casa da Noite, mas que nã’ devíamos ‘tar. Quer dizer, sei que é melhor p’rá gente cá em baixo, mas nã’ ‘tava certo que só a Neferet soubesse de nós. Ela é do tipo errado de Sumo-Sacerdotisa.

— Kramisha, podes fazer-me um favor e copiar estes poemas todos?

— Achas que fiz borrada, não achas?

— Não. Não acho nada que tenhas feito borrada — afirmei, na esperança de o meu instinto me estar a orientar bem, e não a enxotar morcegos na escuridão outra vez. — Acho que recebeste um dom de Nyx. Só quero ter a certeza de que usamos o teu dom da maneira correta.

— Eu acho que ela pode muito bem vir a ser Poetisa Laureada Vampyra, e uma grande melhoria depois do último que tivemos — disse Erik.

Lancei-lhe um olhar penetrante; ele encolheu os ombros e sorriu.

— Foi só uma ideia, mais nada.

Pronto, embora me causasse desconforto falar sobre Loren, especialmente tendo sido Erik a abordar o assunto, senti a justeza do que ele estava a dizer no mais fundo do meu ser, coisa que indicava mais acerca da verdadeira natureza de Kramisha do que as minhas suposições cansadas e a minha imaginação, aparentemente hiperativa, me diziam. Era óbvio que havia a mão de Nyx naquilo. Mas que raio. Sou a única Sumo-Sacerdotisa que temos. Posso fazer uma proclamação.

— Kramisha, vou nomear-te nossa primeira Poetisa Laureada Vampyra.

— O quê?! ‘Tás a gozar? ‘Tás a gozar, nã ‘tás?

— Não estou a gozar. Somos um novo tipo de grupo de vampyros. Somos um novo tipo civilizado de grupo de vamps, e isso quer dizer que precisamos de um Poeta Laureado. És tu.

— Hum, concordo e tal, Z, mas o conselho não tem de votar no novo Poeta Laureado? — Observou Jack.

— Tem, e eu tenho o meu Conselho todo comigo. — Percebi que Jack se referia ao *Conselho* de Nyx, aquele a que Shekinah presidira e que regia todos os vampyros. Porém, eu também tinha um Conselho, um Conselho de Prefeitos, reconhecido pela escola, constituído por mim, Erik, as Gémeas, Damien, Afrodite e Stevie Rae.

— A Kramisha tem o meu voto — declarou Erik.

— Vês, é praticamente oficial — disse eu.

— Boa! — Aplaudiu Jack.

— É ‘ma ideia louca, mas gosto. — Kramisha estava radiante.

— Então copia-me os poemas antes de ires dormir, ‘tá bem?

— ‘Tá, isso posso fazer.

— Anda lá, Jack. A nossa Poetisa Laureada precisa de dormir — disse Erik.

— Parabéns, Kramisha.

— Pois, muitos parabéns! — Disse Jack, e abraçou Kramisha.

— Vão andando, ‘nha gente. Tenho que fazer. E depois tenho que descansar. ‘Ma Poetisa Laureada tem de ter bom ar — disse Kramisha, empertigada, e terminou com um dístico.

Eu e Erik saímos do quarto de Kramisha atrás de Jack e da *Duquesa* e descemos o túnel.

— Aquele poema era mesmo sobre Kalona? — Perguntou Jack.

— Acho que eram todos — respondi. — E tu? — Perguntei a Erik.

Ele assentiu com ar lúgubre.

— Minha nossa! O que quererá dizer? — Perguntou Jack.

— Não faço ideia. Mas Nyx está nisto, consigo senti-lo. A profecia

chegou-nos em forma de poema. Agora isto? Não pode ser coincidência.

— Se for obra da Deusa, então deve haver maneira de podermos usar isto para nos ajudar — disse Erik.

— Pois, também penso assim.

— Só temos de descobrir como — continuou Erik.

— Isso vai exigir alguém com mais cabeça do que eu — admiti.

Houve uma curta pausa, e depois nós os três falámos ao mesmo tempo:

— Damien.

Sombras pavorosas, morcegos e as minhas próprias ralações com os iniciados vermelhos temporariamente esquecidas, apressei-me pelo túnel abaixo com Erik e Jack.

— A porta para o depósito é aqui. — Jack levou-nos por uma cozinha surpreendentemente acolhedora até uma salinha lateral que era, obviamente, a despensa, embora eu pudesse apostar que, nos velhos tempos, lá guardavam mais líquidos do que pacotes de batatas fritas e caixas de cereais. Numa das paredes, bem enrolados e arrumados ao lado e em cima uns dos outros, estavam sacos-cama e almofadas fofas.

— Então é o caminho para o depósito? — Apontei para uma escada de madeira dobrável num canto da arrecadação, a qual dava para uma porta aberta.

— Sim, é ali — respondeu Jack.

Jack foi primeiro e eu segui-o; meti a cabeça e espreitei para o edifício supostamente abandonado. A primeira impressão foi de obscuridade e pó, fragmentada a cada poucos minutos por aquilo que pareciam ser lampejos de luz estroboscópica, clarões súbitos que entravam pelas janelas e pela porta entaipadas. Quando ouvi trovões, percebi e lembrei-me de que Erik falara numa trovoada, coisa nada invulgar para Tulsa, mesmo no princípio de janeiro.

Ora aquele não era um dia normal, e não pude deixar de pensar que aquela não era uma trovoada normal.

Antes de olhar mais em redor, tirei o telemóvel da carteira e abri-o. Não tinha rede.

— O meu também não tem funcionado. Desde que chegámos aqui — disse Erik.

— O meu está a carregar na cozinha, mas sei que o Damien viu o dele quando subimos aqui, e também não apanhava rede nenhuma.

— Sabem que o mau tempo pode dar cabo das torres — disse Erik

em resposta àquilo que eu sabia ser a minha cara doente de aflição. — Lembra-se daquela trovoadra enorme há coisa de um mês? O meu telemóvel não funcionou durante três dias inteiros.

— Obrigada por tentares que eu me sinta melhor, mas é que... Não acredito que isto seja um fenómeno natural.

— Pois — disse ele baixinho —, eu sei.

Respirei fundo. Bom, natural ou não, teríamos de nos aguentar, e naquele momento não havia nadinha de nada que pudéssemos fazer quanto ao nosso isolamento ali. Lá fora havia tempestade, e ainda não estávamos prontos para a enfrentar.

Por conseguinte, prioridades. Endireitei os ombros e olhei à minha volta. Saíramos numa salinha que tinha parede até à altura do joelho e depois janelas com ar de guichés por cima, e barras de latão manchado do lado da frente. Deduzi rapidamente que devia ter sido a bilheteira do depósito. Dali entrámos numa sala enorme. Tinha chão de mármore que ainda parecia liso e polido naquela obscuridade. Mas as paredes eram esquisitas, muito toscas e ásperas, do chão até cerca de trinta centímetros acima da minha cabeça, e depois começavam os floreados. Estavam desfocados pelo tempo, o pó e a falta de manutenção, e havia teias de aranha por todo o lado (argh, primeiro morcegos e agora aranhas!), mas as antigas e vibrantes cores Art Déco ainda se viam, a contarem histórias de mosaicos dos índios americanos, toucados de penas, cavalos, couro e franjas.

Contemplei aquela beleza corroída, e pensei *isto podia dar uma bela escola*. Era grande e tinha o mesmo tipo de graciosidade que muitos dos prédios na baixa de Tulsa, graças à decoração Art Déco que a explosão económica do petróleo nos anos 20 favorecera. Perdida em pensamentos do que o futuro poderia trazer, percorri o átrio vazio, a espreitar aqui e ali, e reparei em corredores que partiam daquela enorme sala, e que desembocavam noutras, pensando se haveria o suficiente para várias salas de aula. Seguimos por um desses corredores e deparámos com portas largas de vidro duplo. Jack apontou com a cabeça nessa direção.

— Ali é o ginásio. — Espreitámos todos pelos vidros enegrecidos pelo tempo. Na obscuridade, só consegui distinguir vultos que pareciam grandes animais de um mundo defunto a dormir.

— E ali fica a porta para o balneário dos rapazes. — Jack apontou para uma porta fechada à direita do ginásio. — E ali é o das raparigas.

— Pronto, bom, eu vou para o duche — declarei, como uma tolinha. — Erik, tu e o Jack não se importam de contar ao Damien dos poemas da Kramisha? Digam-lhe que, se quiser falar comigo sobre isso, estarei no quarto da Stevie Rae, a dormir profundamente, espero, durante pelo

menos duas horas. Se o assunto puder esperar, encontramos-nos todos depois e tentaremos descortinar o que significa, depois de descansarmos. — Mudei as toalhas e os roupões de sítio para poder passar uma mão sonolenta pela cara.

— Tens de descansar, Z. Nem tu consegues passar por tudo isto e continuar a funcionar sem dormir — disse Erik.

— Pois, se o Damien não ficasse acordado comigo, eu teria medo de adormecer de vigia — disse Jack, e bocejou para sublinhar a afirmação.

— As Gémeas não tardam a render-vos. — Sorri para Jack. — Basta aguentares até lá. — O meu sorriso alargou-se para Erik. — Até logo. Aos dois.

Comecei a virar-me, mas o toque de Erik no meu braço deteve-me.

— Ouve, estamos juntos outra vez, não estamos?

Fitei os olhos de Erik e vi-o vulnerável apesar da confiança fingida do seu sorriso. Ele não compreenderia se eu dissesse que precisava de falar com ele sobre, enfim, sexo, antes de aceitar continuar com ele. Isso iria magoar-lhe o ego e o coração e eu voltaria ao mesmo sítio de antes, a flagelar-me por ser a causadora da nossa separação.

Por conseguinte, respondi simplesmente:

— Sim, estamos juntos outra vez.

Aquela doce vulnerabilidade refletiu-se no beijo que ele me deixou nos lábios. Não foi um beijo agressivo, exigente, *vamos fazer sexo agora*. Foi um beijo quente, suave, *estou tão contente por estarmos juntos outra vez*, e derreti-me toda.

— Vai dormir. Até logo — sussurrou ele. Deu-me um beijo rápido na testa, e depois ele e Jack desapareceram porta adentro do balneário dos rapazes.

Fiquei ali algum tempo, a olhar para a porta fechada e a pensar. Ter-me-ia enganado quanto à mudança de Erik? Teria interpretado mal o que subjazia à sua paixão no túnel? Afinal, ele já não era iniciado. Era um vampyro adulto, passara pela Mudança. Isso fazia dele um homem, embora só tivesse dezanove anos, tal como tinha há menos de uma semana, quando fora a Mudança.

Talvez o aumento da tensão sexual entre nós fosse natural, e não apenas por ele achar que eu agora era uma vadia por ter perdido a virgindade. *Erik era um homem*, repeti de mim para comigo. Eu já sabia, pelo desastre com Loren Blake, que estar com um homem era diferente de estar com um rapaz ou um iniciado. *Erik era um vampyro passado pela Mudança, tal como Loren fora*. A ideia fez-me arrepios de nervoso-miudinho pelo corpo inteiro. «Como Loren» não era uma analogia assim muito

## perseguida

boa. Mas Erik não era nada como Loren! Erik nunca me mentira nem usara. Erik passara pela Mudança, mas ainda era o Erik que eu conhecia e poderia amar. Não devia nada estar ali a apoquentar-me com aquilo. A questão do sexo haveria de se resolver. Quer dizer, comparada com um antigo imortal a perseguir-nos, Neferet com a escola nas suas garras malévolas, eu a passar-me com qualquer coisa bizarra que poderia haver nos iniciados vermelhos, ou não, a avó em coma, e os porcos dos Zomba-Corvos a devastarem Tulsa, a questão de Erik me pressionar ou não para fazer sexo deveria ser uma acalmia naquele stress todo. Não era?

— Z! Cá estás tu. Entra lá, se faz favor! — Erin meteu a cabeça de fora da porta do balneário das raparigas. Apareceu uma enorme nuvem de vapor e vi que ela só tinha vestido o sutiã e as cuequinhas (um conjunto, claro, da Victoria's Secret).

Fiz um esforço e tirei Erik da cabeça.

— Desculpem... Desculpem, vou já — disse, e apressei-me a entrar no balneário.